

### EXPEDIENTE

Jan a Mar = 2024

Presidente

Maj Brig Ar Marco Antonio Carballo Perez

1º Vice-Presidente

Cel Av Paulo Roberto Miranda Machado

2º Vice-Presidente

Brig Ar Carlos José Rodrigues de Alencastro

Foto de capa:

Sgt Müller

Marin – FAB

Fotografe o código abaixo para ler esta revista, fazer download e/ou compartilhar as edições anteriores.



ISSN 0486-6274

#### SEDE CENTRAL

Praça Marechal Âncora, 15 Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200 • PABX (21) 2210-3212 Terça-feira a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h

#### Superintendente

Cel Av Pedro Bittencourt de Almeida

#### **Diretor Cultural**

Cel Av Araken Hipolito da Costa

#### Diretor Social, Tecnologia da Informação e Hotel

Cel Av Ajauri Barros de Melo

#### Diretor Financeiro e Patrimonial

Cel Int Genibaldo Bezerra de Oliveira

#### **Diretor Administrativo**

Cel Int Carlos Alberto Macedo de Brito

#### Diretor de Contratos

Ten Cel Esp Sup Evandro José Barros Leite

#### Diretor Beneficente e Secretaria-Geral

Cap Adm Ivan Alves Moreira

#### Diretora de Comunicação Social

Cecília Ferreira

#### SEDE BARRA

Av. Raquel de Queiroz, s/nº Rio de Janeiro - RJ - CEP 22793-100 • (21) 3325-2681 Terça-feira a domingo, das 9h às 17h30

#### Superintendente

Cel Av Marcos da Silveira Pereira

#### **Diretor Desportivo**

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

#### **Diretor Aerodesportivo**

Cel Av William Cristovam

#### Assessores

Social – Brig Ar Carlos José Rodrigues de Alencastro Financeiro – Cel Int Carlos Eduardo Costa Mattos Administrativo e Pessoal – Cel Av Luiz dos Reis Domingues Superintendência – Cel Av Antônio Paulo Monteiro de Miranda

#### SEDE LACUSTRE

Estrada da Figueira, nº 1 CEP: 28930-000 - Arraial do Cabo - RJ • (22) 2662-1510 / (21)98849-8886

#### Superintendente

Cap Esp Met José Renato do Nascimento

#### CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente – Ten Brig Ar Paulo Roberto Cardoso Vilarinho

#### CONSELHO FISCAL

Presidente – Maj Brig Int Manoel José Manhães Ferreira

#### COMISSÃO INTERCLUBES MILITARES

#### Assessores Clube de Aeronáutica

Maj Brig Ar Venancio Grossi Cel Av Araken Hipolito da Costa Cel Av Ajauri Barros de Melo

#### REVISTA AERONÁUTICA

(21) 2220-3691 revista@caer.org.br

#### Diretor e Editor

Cel Av Araken Hipolito da Costa

#### Conselho Editorial

Maj Brig Ar Marco Antonio Carballo Perez Cel Av Araken Hipolito da Costa Cel Av Ajauri Barros de Melo Cel Av Paulo Roberto Miranda Machado

#### Design Editorial

Núbia Santos

#### Revisão

Lara Alves

#### Administrativo

Matheus Martins

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.

# SUMÁRIO

O Silêncio de uma Nação

Percival Puggina

2	Mensagem do Presidente Marco Antonio Carballo Perez Maj Brig Ar	24	Entrevista com Brig Nero Moura Revista Aeronáutica
6	O Dever do Militar em Face da Luta Ideológica Humberto de Alencar Castello Branco (em memória) Gen Ex	32	A Revolução de 31 de Março de 1964 Manoel Soriano Neto Cel de Infantaria e Estado-Maior
11	A Farsa do Golpe Maynard Marques de Santa Rosa Gen Ex Ref	37	Histórico da Criação da Confraria Cleophas de Azevedo Anastácio Ten Cel Esp Foto
12	O Grande Mudo David Nasser (em memória)	38	"Ventura" Lockheed PV -1 Magalhães Motta Brig Ar
14	Um Pesadelo da Liberdade Deoclécio Lima de Siqueira (em memória) Ten Brig Ar	41	A Coragem do "Olhe e Enxergue" e do Alfredo Severo Luzardo Cel Av
16	A Saga do Campo dos Afonsos Reginaldo Guimarães Cel Av	42	Um Olhar Brasileiro sobre o Egito das Pirâmides Israel Blajberg
18	O Carnaval de Clarice Frederico José Bergamo de Andrade Cel Art	44	A Grande Arma da Democracia Ives Gandra da Silva Martins Jurista
20	Uma Carreira Dedicada à Aviação de Caça Roberto Fleury Cel Av	47	Análise de 2023 e Perspectivas para 2024 Ives Gandra da Silva Martins Jurista

### MENSAGEM DO PRESIDENTE

Caros leitores, civis e militares:

Termina o primeiro trimestre de 2024 e, com ele, aproxima-se um fato histórico do País, as comemorações do movimento cívico-militar de 31 de março de 1964.

Por mais que existam pessoas que tentem colocar uma pedra em cima desse momento, este foi um evento que faz parte da história do Brasil. Revistas da época, como a Manchete de abril de 1964, que temos aqui no Clube de Aeronáutica, mostram a multidão de pessoas que foram para as ruas, na famosa **Marcha da Família com Deus pela Liberdade**, nome comum de uma série de manifestações públicas ocorridas entre 19 de março e 8 de junho de 1964, em resposta ao que foi considerado, por militares e setores conservadores da sociedade, uma ameaça comunista representada pelas ações de grupos radicais. Que os ideais do povo de bem desta Nação permaneçam vivos. Como diria o Barão de Itapevi: por aqui, não passarão!

Nesta edição, apresentamos grandes e históricas matérias sobre aquele momento do País, contando, também, com as colocações do nosso emérito colaborador, o jurista Ives Gandra, que eu recomendo, com empenho.

Sejam bem-vindas as temperaturas mais amenas do Outono, que ora se inicia! Aproveitem essa boa leitura!

Maj. Brig R1 Marco Antonio Carballo Perez Presidente do Clube de Aeronáutica







# HAPPY HOUR SEDE CENTRAL

Sede Central do Clube de Aeronáutica, desde o segundo semestre de 2023, voltou a realizar seus tradicionais Happy Hours que no passado aconteciam toda semana. Batizado de Aero Sunset, por enquanto, os eventos são mensais, sempre na quinta-feira a partir das 18 horas.

Cada edição com uma atração diferente, os shows acontecem no Salão Costa Deck que possui uma vista deslumbrante para a Baía da Guanabara.

No mês de março, a festa aconteceu no dia 14 e contou com duas atrações imperdíveis que animaram a noite: a Banda Plano R e o incrível DJ João Rodrigo.

Para ficar por dentro das próximas datas e atrações, basta acompanhar o site e as redes sociais do CAER. É sempre uma bela oportunidade de reunir os amigos e desfrutar de um ambiente gostoso, boa música, tendo como pano de fundo uma paisagem maravilhosa.



## SHOWS NA SEDE BARRA

Sede Barra também vem mantendo a tradição e realizando mensalmente pelo menos um grande evento social para seus sócios e amigos. Sempre contando com um ótimo show, as celebrações acontecem, normalmente, no primeiro sábado do mês, a partir das 18 horas.

Recentemente, já estiveram animando os eventos da Sede Barra as bandas Garçons Cantores, Yahoo, V-Trix, entre outros. Para o mês de abril, a celebração contará com a apresentação da Milles Away.

São noites muito alegres onde ninguém fica sem dançar! Não deixe de acompanhar nos canais de divulgação do CAER os próximos eventos!









#### **INTRODUÇÃO**

Estado-Maior do Exército determinou que todos os estabelecimentos de ensino promovam um novo currículo que trate de questões ideológicas, Guerra Revolucionária e outros problemas correlatos, com o objetivo de esclarecer, orientar e recomendar aspectos da conduta militar na atual conjuntura brasileira.

Viu, no entanto, que, em 1961, já no fim do ano letivo, não mais seria possível, em cada Escola, o trato de tais assuntos.

Sentiu também que, nesse período de exames, encerramento de cursos e férias que começam, o Exército sofre ainda de consequências da última crise política. Há intenções honestas que devem dominar, incompreensões lamentáveis que têm possibilidades de propagar-se e propósitos desde já prejudiciais que podem imperar. Avultam percepções desencontradas de legalidade, comunismo e finalidades das Forças Armadas.

Pareceu, então, ao Estado-Maior do Exército, ser oportuno lançar, em cada Escola, em uma só palestra, por sua própria iniciativa, considerações e conclusões em torno dos assuntos daquele novo currículo.

Estou aqui, pois, no cumprimento de uma missão. A palestra que empreendo não tem um sentido teórico, nem assenta em um intelectualismo de divagações e de especulações. Todas as suas partes componentes já são de vosso conhecimento e meditação. Cabe-me, apenas, ligá-las agora em um conjunto e deste tirar conclusões que possam configurar "O dever do militar em face da luta ideológica".

É uma palestra simples, de feitio prático, desataviada e que pode consistir sobretudo em uma fala exclusivamente para camaradas.

Deveis anotar, por outro lado, que o assunto e a iniciativa da palestra vêm do Estado-Maior do Exército, e que os conceitos, as apreciações e as críticas são da minha responsabilidade.

#### CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

Democracia e totalitarismo

O homem, desde os mais remotos tempos, sempre está à procura da liberdade e da igualdade.

Há quem veja incompatibilidade entre essas duas reivindicações e até mesmo afirme que, para haver igualdade, se impõe a supressão da liberdade. Parece que tal dissociação existe quando não se toma por base o homem, e sim o Estado; e, especialmente, quando não se considera "o homem como a medida de todas as coisas do mundo".

Daí a Democracia e o Totalitarismo. Esses sistemas, sim, é que são incompatíveis.

A Democracia, reconhecendo dignidade no homem, atribui-lhe liberdades fundamentais, confere-lhe a igualdade de direitos e promove a retribuição de acordo com o esforço de cada um. Vê nele, antes de tudo, lá no fundo, os três direitos essenciais, próprios de sua natureza e que têm mesmo a forma de força instintiva: a sobrevivência pelo sustento, a procriação e a propriedade onde possa pelo menos habitar. Já o Totalitarismo, negligenciando a dignidade humana, faz o Estado absorver o homem, inclusive na sua

liberdade de pensamento, de religião e de empreendimento. Supõe dar-lhe igualdade, como dependente exclusivo de sua máquina e de suas necessidades.

A Democracia procura a valorização do homem por meio de um regime de opinião e de representação, enquanto o Totalitarismo totaliza a supressão dos direitos fundamentais com a permanência de um governo ditatorial e do partido único, reforçado pela eliminação de opositores.

A autodeterminação de um povo começa no uso periódico da liberdade de escolha de seus representantes e governantes; e no estabelecimento por aqueles, em nome dos representados e quando se impuser, de um regime político e social. Ao contrário, as nações que vivem sob o Totalitarismo aparecem mudas no plano nacional e no internacional, sempre substituídas por ditadores e oligarcas que bradam defendendo o seu próprio destino, e não verdadeiramente o de seus povos subjugados.

#### **IDEOLOGIAS**

Vinculado a esses sistemas de vida política e social, há, no mundo atual, um lugar de destaque para as ideologias. Pode-se dizer, mesmo, que elas hoje são a fonte da Democracia e do Totalitarismo e constituem um dos elementos mais determinantes dos conflitos modernos.

Notemos bem que o homem pode pouco penetrar no seu meio, na sua época, mas as ideias se aproximam dele, se esbatem no seu espírito, quando nele não penetram e não se incorporam a seu pensamento e ação. De outro lado, há os que vão procurá-las, estudá-las e praticá-las.

Para que tal aconteça, a ideologia é uma maneira de pensar característica de um indivíduo ou de um grupo, podendo ir do homem ao Estado, envolvendo a sua conduta e o seu destino. Significa uma filosofia política, e também abrange um plano de ação para trazer essa filosofia à realidade. Consideremos as ideologias mais em destaque no mundo atual.

A ideologia democrática varia muito. Há, porém, uma base comum e geral. Os seus princípios fundamentais são verdadeiramente congênitos. Inclui hoje um sentido social e econômico para o homem e para o povo. Consiste em proporcionar o maior bem ao maior número, tem base na educação e procura desenvolver-se em um ambiente econômico. Considera o problema do trabalho não só econômico, como também humano, moral e social. Ainda mais, abrange fundamentalmente a constitucionalidade e uma legislação de justiça social. O seu movimento é na direção do bem-estar dentro da harmonia social. Aspira à paz internacional.

Recordemos alguns traços da ideologia comunista. Visa às massas. Tem uma filosofia, onde se encontra a base de seu materialismo e de suas concepções políticas. Originando-se de uma luta de classes, dirige-se para a existência de uma classe única, para depois conseguir a sua abolição, de um tipo humano absorvido pelo Estado e permanentemente filiado ao Estado Soviético. Prevê a dominação do mundo por uma organização padronizada e seu destino ligado

à pátria desta ideologia. É preponderantemente internacional para imperar. Não é uma ideologia que se propague apenas pela propaganda. É imposta até por processos intervencionistas de pressão, violência, terror e pela Guerra Revolucionária. Esforça-se por implantar uma paz sob sua égide.

A ideologia comunista é pregada com muita pertinácia e energia. Já morreram muitos homens por ela, e cada vez mais os seus adeptos se mostram obstinados, senão fanáticos. Penetra nos meios universitários e intelectuais e caminha palmo a palmo em certas camadas do povo.

A ideologia democrática tem, ao lado de seus adeptos devotados, elementos tímidos, vacilantes e outros que se poupam nos riscos da luta. É muitas vezes confundida com um simples e exclusivo movimento anticomunista ou de defesa do capitalismo. Ela é contra o comunismo, sem dúvida. Antes, porém, de negá-lo, deve afirmar os seus elevados valores humanos, filosóficos e políticos, que, por si sós, já estão muito acima do comunismo. Por outro lado, não pode perder-se aos interesses do capitalismo, quando desligados do interesse da comunidade nacional e do bem-estar do povo. Deve ser uma ideologia de afirmação e, necessariamente, de combate.

Essas duas ideologias estão em um conflito mundial. Desconhecê-lo é viver muito longe do mundo e negligenciar o Brasil. O choque é mais forte em torno da valia e dos direitos do homem, do tipo de bem-estar e de justiça social e da concepção da paz, alcançada por uma compreensão recíproca ou pela submissão a Moscou. Esta luta ideológica atravessou o Atlântico, e pode afirmar-se que ela já existe no nosso País.

#### O COMUNISMO

#### O Partido Comunista

A ideologia comunista se estende principalmente por meio do Partido Comunista, único na União Soviética e nos países comunizados.

Nos países democráticos e onde tem vida legal, o Partido Comunista, sujeito completamente à matriz, é o que mais reivindica a liberdade de opinião. Participa dos Congressos periódicos de Moscou, e daí lhe vêm a orientação, os objetivos intermediários e os modos de ação. Os seus chefes se julgam destacados pelo Partido Comunista da URSS, ao invés de se considerarem membros natos de uma comunidade política nacional.

Na clandestinidade, é uma força que vale pela penetração solapadora e dissociadora, e que confunde, ou intimida, pela dificuldade de se avaliar o número atuante de seus adeptos.

Um Estado comunista, que quer voltar a ser soberano e deseje não mais permitir o controle soviético, tem o seu Partido Comunista julgado como perjuro, mesmo que sejam mantidas a ideologia e a organização de Estado comunista. São os casos da lugoslávia e da Albânia.

O Partido Comunista é, pois, a presença atuante da Rússia, às vezes intervencionista, no país em que esteja organizado, e, em alguns casos, em que mesmo exerça apenas uma ilegal ação subterrânea.

#### A GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A caracterização da Guerra Revolucionária é do vosso aprofundado conhecimento. Há necessidade, porém, de que sejam aqui lembrados alguns de seus aspectos dominantes.

As concepções originais do comunismo admitem-na como um modo de ação radical, inelutável e indispensável para implantar o Estado proletário em um país. Por outro lado, pregam a transformação de qualquer guerra, interna ou externa, em uma Guerra Revolucionária. E consideram o Partido Comunista como Vanguarda da Revolução.

Lenine traçou como prepará-las, e, entre as prescrições, avulta a de ser estabelecida a divisão das Forças Armadas do país considerado.

Atingimos uma passagem da palestra que permite o exame do caso brasileiro, sobretudo pelas variadas maneiras de entendimento da Divisão do Exército.

Primeiramente, há conveniência em trazermos aqui a opinião de Guerreiro Ramos. Este destemido professor diz que, neste período de transição, surgem no Brasil direções opostas: a complementariedade ou a autodeterminação. Acrescenta que essa transição não poderá deixar de atingir as nossas Forças Armadas que, então, se acham divididas, o que, longe de constituir um sintoma nefasto, é antes um salutar indício de que não estão marginalizadas no meio brasileiro. Ainda esclarece que a divisão é ideológica.

O ilustre professor parece colocar a complementariedade na ideologia "entreguista" e a autodeterminação na ideologia "nacionalista". É difícil, sem o conhecimento íntimo de suas intenções e atuação, concordar com os que o acusam de ser a sua ideologia entreguista simplesmente a ideologia democrática, e a nacionalista apenas a ideologia comunista. De qualquer maneira, ele vê as Forças Armadas ideologicamente divididas, e com ele muitos civis e alguns militares.

Acreditam os senhores que o Exército tenha dentro de suas fileiras um conflito ideológico? Já se pode dizer que a luta entre duas ideologias, que de fato lavra em setores de nossa Nação, se tenha prolongado no Exército?

Pessoalmente, eu não acredito. O Exército tem em suas fileiras alguns comunistas, uns atuantes, outros de ação bem dissimulada, e vários timidamente embuçados. Tais elementos, porém, não constituem uma parte apreciável de um grande todo, a ser, então, considerado dividido ideologicamente.

O conflito ideológico entre civis, no entanto, não poderia deixar de repercutir no meio militar. Repercute também a distância que vai do capitalismo personalista à pobreza da terra e da gente do Brasil. Tais ecos têm legítimo cabimento na época atual e determinam ansiedade, uma convicção de que urge o advento de uma justiça social, nada eleitoreira nem demagógica; motivam uma compreensão lenta, mas que se propaga, de que a "direita" não resolve o caso brasileiro, de que a "extrema esquerda" nos afundará no caos e na servidão, de que o "centro" sempre quer contemporizar com um equilíbrio de forças, passando à estagnação, e de que o Brasil poderá encontrar na "esquerda" a solução de seus angustiados problemas e um rumo para seus destinos. Mas isso não é uma luta ideológica no interior do Exército. É um processo de evolução de mentalidade, que se faz pacificamente, ligado, sem dúvida, à evolução política e social do Brasil, constituindo mesmo uma defesa contra as investidas do comunismo na área militar.

Essas repercussões e compreensão escapam ao comum controle da disciplina. Elas se desordenam principalmente pela falta de firmeza no enunciado da ideologia democrática entre nós e pela ausência de esclarecimentos sobre essas questões a oficiais e graduados.

As divisões que têm lavrado no Exército são mais consequentes de lutas partidárias travadas na política nacional do que propriamente separações político-partidárias existentes no interior dos meios militares.

Tempos atrás, essas divergências logo desapareciam. Recentemente, comunistas civis e fardados têm-se aproveitado de repercussões de lutas político-partidárias no Exército para prolongarem divisões e aprofundá-las, estimulando os apetites de oficiais presos a injunções partidárias de todos os matizes e aos pertencentes a escoltas de políticos civis. Estes e os comunistas só têm vantagens em um Exército dividido.

Recordemos, para melhor caracterizarmos a nossa apreciação, os recentes e malsinados tipos de cisões que periodicamente têm aberto brechas no Exército.

Lembremo-nos, primeiramente, de legalistas e revoltados, a partir de 1922 e por pouco tempo. Depois, em 1939, surge a alternativa revolucionários e antirrevolucionários, que desaparece pouco a pouco. A começar de 1955, o grito de guerra governistas e golpistas criou ódios e ressentimentos, sempre cuidadosamente mantidos pelos comunistas e pela política partidária, fardada e à paisana. Logo depois, os mesmos comunistas e interesses eleitorais lançaram sobre o Exército a injúria de que os seus oficiais se dividiam em nacionalistas e entreguistas, obstinando-se na proclamação dessa infâmia quando bem sabiam que a oficialidade era fiel à honra do Brasil e à sua independência

política e econômica. Agora renasce a teimosia de se alardear a divisão em legalistas e golpistas. Comunistas e politiqueiros estão interessados em que tal exista, pelo menos para um grande número de expectadores civis.

Isso amofina o Exército, por se sentir à mercê de propósitos ainda não avaliados e sujeito a rumos aleatórios.

#### A CONDUTA COMUNISTA NO BRASIL

A conduta comunista, através dos tempos, conserva a mesma substância e sempre se mantém sob a orientação e o controle de Moscou.

A sua forma, porém, é que acompanha a evolução da conjuntura nacional e segue a política da URSS na arena internacional.

Vejamos, então, qual tem sido a conduta comunista no Brasil. É aparentemente desconcertante, mas na realidade guarda coerência na preservação dos objetivos comunizantes.

A partir de 1935, tornou-se violentamente revolucionária e decididamente de características internacionais.

Perdendo a existência legal, cuidou de estabelecer uma promiscuidade desmoralizadora de seus elementos dirigentes com os partidos políticos nacionais. Aí criou prestígio eleitoral, enquanto políticos nacionais até dos comunistas se tornaram dependentes, por meio de promessas, acordos e compensações que estabeleceram em troca dos votos que aqueles lhes concederam.

Não tardou que a conduta comunista afinasse pelo nacionalismo, em defesa da economia brasileira contra a América do Norte. A política já estava solapada pelo voto de cabresto do PC, e agora a parte da ideologia do Brasil se vê explorada e deturpada pelo jogo soviético no plano internacional.

Desde 1955, declara-se furiosamente legalista. Parece que os vermelhos suspendem, por algum tempo, a opção revolucionária, para mascarados de batalhadores pelo regime legal se infiltrarem em todos os setores do Brasil e se apoderarem de cargos e de comandos nas Forças Armadas.



Qual será a conduta posterior? Será difícil configurá-la? O ciclo da conduta comunista não abre mão do advento do Estado comunista, não por uma decisão da opinião popular, e sim pelo golpe ou pela Guerra Revolucionária.

#### O ANTICOMUNISMO

Acabamos de, resumidamente, caracterizar os modos de ação do comunismo.

O vulto da ideologia e a envergadura da ação não podem ser enfrentados com os estreitos limites de um anticomunismo de curto alcance e, muito menos, com aquele que a política partidária maneja conforme o seu interesse.

Já foi lembrado o valor imenso de uma ideologia vigorosa e atuante na luta contra o comunismo.

Entre nós, porém, inclusive nas Forças Armadas, o anticomunismo se apoia quase que exclusivamente em providências e em operações de repressão.

Antes de 1935, teve uma atuação meramente policial.

Depois, tornou-se antirrevolucionário e, em muitos espíritos, especialmente nas Forças Armadas, também possuía a forma de fidelidade às instituições nacionais e militares.

Atualmente, o anticomunismo é uma empreitada desarvorada, sobretudo nos escalões de execução. O reatamento das relações diplomáticas com a URSS trouxe uma confusão desorientadora para algumas camadas da sociedade e para alguns setores conservadores. Há necessidade, no entanto, de se ouvir a declaração repetida do Governo, de que o restabelecimento de relações com Moscou não implica absolutamente adesão ao comunismo. A Embaixada Soviética não vai encontrar um acolhimento de solidariedade comunista. Mas que, ao lado do respeito a representantes diplomáticos, haverá um controle efetivo, para que também não seja uma delegação do Partido Comunista Soviético.

Nas Forças Armadas, o anticomunismo tem aspectos bem peculiares. Existe uma gama de manifestações que não podem, em sua totalidade, ser tidas por comunistas.

Há os que leem, meditam e possivelmente guardam, como elementos de cultura, a ideologia comunista. Podem ser valiosos na tarefa de esclarecer, ou tipos a identificar pelo Comando. Há, por outro lado, os que leem obras comunistas e se comprazem em contar passagens e fazer considerações. Aqueles e estes estão no uso de um rudimentar direito de leitura e de mostrar as suas impressões. Não se pode vedar os olhos de um estudioso, nem fechar-lhe a boca para suprimir o comentário. A ação do Comando poderá evitar exageros e melhor situar a posição de um comando dessa espécie.

Entretanto, existem os que vão mais longe e por outros caminhos. Pregam a ideologia. Podem ser do Partido ou instrumentos de ação partidária comunista. A ação do Comando é imperativa, não só para corrigi-los, submetê-los a uma justificação, também, se possível, para recuperá-los.

Podem aparecer os que praticam o crime conspirando contra as instituições. Como nos outros casos, a ação do Comando também se impõe e, conforme seja, tudo se encaminha para a aplicação do Código Penal Militar.

Se, ao contrário, permanece nas fileiras, não para cumprir a sua missão militar, mas para desempenhar missões comunistas, deverá admitir a legalidade e a legitimidade da reação, e até mesmo a nobreza de se tentar a sua recuperação.

Aqueles que devem fazer face a tais atitudes têm de agir armados de convicção democrática, ciosos de suas instituições, empregando desde a persuasão até o combate decididamente ofensivo.

O dever militar, para produzir ações eficientes, não depende só do vigor pessoal de cada um, mas também do posto funcional e da corrente dos elementos funcionais dispostos no mesmo fim.

Os chefes militares de todos os escalões têm, então, graves deveres nesse tipo de defesa das instituições democráticas. Impossível qualquer ação ou reação senão inicialmente por intermédio deles.

O dever militar deve atentar para outras circunstâncias. O espírito militar vigoroso constitui o revestimento das Forças Armadas, um de seus meios atuantes de invulnerabilidade a ideias dissociadoras. A instrução, além de tornar a disciplina mais consciente, contribui para a coesão de seus elementos, eliminando ainda a ação divisionista das influências partidárias. Por outro lado, a hierarquia não deve ser apenas uma série de categorias de estrelas carregadas nos ombros. É também um escalonamento de responsabilidades e uma sedimentação da autoridade.

Forças Armadas sem essas características são um campo fácil para a infiltração comunista e para a divisão de origem partidária.

A falta de coesão no Exército permite o primado de finalidades secundárias e mesmo de esdrúxulas, abrindo caminho para a expansão de tendências milicianas ou pretorianas.

O dever militar principal da hora presente está nas mãos de seus chefes mais graduados. Revigorar o espírito militar, desenvolver a instrução da tropa e dos quadros, agir com responsabilidade e autoridade, esclarecer quanto à luta ideológica, eis o caminho seguro para o restabelecimento da coesão das Forças Armadas. A inação, por omissão ou ausência, deixa o militar completamente desclassificado. O medo de uma atitude, de uma definição, é um opróbio para o soldado. Além disso, o Comando encontra nas forças do espírito substância para a sua ação e, não negligenciando uma indeclinável base intelectual, dá ainda à sua autoridade um nível superior de influência profissional.

Eu estou falando para oficiais que brevemente estarão em cargos de auxiliares de Comando e, decorrentemente, em contato com uma realidade que sofre ainda as consequências de uma recente crise política.

Não vos arreceeis do que vos espera. Está no vosso dever militar enfrentar todos os aspectos dessa realidade, com a vossa autoridade profissional e na vossa função profissional de auxiliar de Chefes.

Procurai a eficiência. Estareis, então, labutando pelo Exército, dentro das Forças Armadas, e pela democracia brasileira.

## A FARSA DO GOLPE

Gen Ex Ref Maynard Margues de Santa Rosa, em 8 jan. 2024

papel compartilhado do GSI, black blocks e extremistas de esquerda com os depredadores, no dia 8 de janeiro, foi cuidadosamente abrandado nas investigações, para não desfigurar a narrativa construída sobre uma meia verdade.

A farsa do golpe foi tramada para justificar o estado de exceção em que nos encontramos e legitimar, perante a opinião pública, o resultado de um processo eleitoral suspeito, e contou com a cumplicidade da mídia clientelista e a orquestração em rede de fofocas da Web, ao modelo do sistema "Mvnd8".

É visível a degradação das instituições brasileiras pelo aparelhamento sistemático, ao ponto de validarem as indicações do advogado pessoal de um presidente condenado e de um militante político confesso para integrar o STF, uma Corte que se autoinvestiu de isenção e transcendência para investigar, acusar e julgar qualquer cidadão em última instância.

O Exército Brasileiro é a instituição garante do Estado, e não pode envolver-se em arranjos políticos. A letra da sua canção, escrita pelo Ten Cel Alberto Augusto Martins, em 1916, traduz o arquétipo do ideário patriótico intuído pelos jovens turcos no seu regresso ao Brasil: "Nós somos da pátria a guarda, fiéis soldados, por ela amados. Em nosso valor se encerra toda a esperança que o povo alcança". Quando se perde o valor moral, esvai-se a esperança popular e grassa a lassidão.

O patriotismo do soldado, expresso no compromisso à Bandeira Nacional, é valor imutável que alimenta o moral e não pode ser recalcado pelas circunstâncias. É a renúncia ao interesse particular em favor da Pátria, cuias honra, integridade e instituições juramos defender com o sacrifício da própria vida.

A alma da tropa é a sua dimensão moral. O que multiplica o poder de combate é liderança e motivação. Tropa sem alma é arma sem munição. Dizia o manual C 20-10 que disciplina, moral e espírito de corpo são os indícios da presença de liderança.

Ao submeter o ideário sublime de serviço à Pátria a interesses políticos oportunistas, farsantes e corruptos.





Três meses antes, este artigo de David Nasser profetizava o que iria acontecer no Brasil

## O Grande Mudo

David Nasser (em memória)

Publicado na Revista *O Cruzeiro*, edição de 25 de abril de 1964.

nganam-se aqueles que veem no Exército Brasileiro - cerne das Forças Armadas – simples massas de manobra. Mais de uma vez tenho dito que, no momento certo, o grande mudo falará.

Daí o meu desacordo aos apelos oposicionistas - e quem vos escreve é maciçamente um homem de oposição - para que os civis democratas se armem e enfrentem as legiões sindicalistas mobilizadas pelos desordeiros, os grandes e pequenos. A aceitar tranquilamente a tese do nobre e lúcido brasileiro que é o Deputado Bilac Pinto, de que temos de nos armar para as lutas nas cidades, nas ruas, nas fazendas, nas casas - estaríamos retirando das Forças Armadas brasileiras o crédito de confiança que elas nunca nos desmereceram.



É preciso admitir – e aceitar – o fato de que o conceito de legalidade não é o mesmo para todos. Os militares têm deveres capitulados, muito bem definidos em regulamentos simples, claros e rígidos. Não se parecem, esses freios, com as linhas fluidas da legalidade civil – isto é – a legalidade como nós, civis, a vemos e a interpretamos.

Entendem os militares que não compete a eles a dissecação dos atos governamentais nem o exame de sua constitucionalidade. É tarefa para o Parlamento e o Judiciário e se se omitem ou negaceiam em face da inconstitucionalidade de certos atos ou de certas tendências do Executivo, o Exército não lhes pode tomar a vez. Competiria, em última análise, ao próprio Parlamento declarar a nulidade desses atos, coibir essas tendências – e recorrer dramaticamente – em uma atitude histórica ao único remédio legal. Ante o silêncio de um, não há de estranhar-se a omissão de outro.

O Exército (e como Exército se aceite a principal força militar) é o defensor, o executor e o mantenedor da legalidade, não o seu intérprete, o seu jurista.

Os democratas brasileiros podem confiar nas Forças Armadas que não se condicionam à vontade unipessoal de um Ministro, por mais honrado que ele seja – nem aos caprichos de um almirante, por mal-intencionado que ele seja.

NINGUÉM pode falar em nome do Exército Brasileiro, da Marinha Brasileira, ou da Forca Aérea Brasileira – se a sua fala é antidemocrática. Tenho repetido que os militares são simples civis de uniforme, são cidadãos da classe média que enfrentam os mesmos problemas, sofrem as mesmas angústias, sentem as mesmas depressões, os mesmos temores, as dificuldades iguais às de todos os brasileiros. Dispam, imaginariamente, o General Jair Dantas Ribeiro do seu uniforme – e o coloquem dentro de um pijama burquês. Ninguém poderia admitir que um general de longo curso, vindo de uma carreira de meio século a serviço da Pátria, a pudesse entregar cegamente aos extremistas. Não deve estar longe dos ouvidos do cabo-de-guerra aquela espantosa declaração de Luiz Carlos Prestes de que lutaria ao lado da União Soviética se esta entrasse em guerra com o Brasil. E hoje são muitos, entre os civis, os nacionalistas impatrióticos, mas, entre os militares, constituem uma minoria irrisória, porém, atuante.

TODOS nós, democratas, devemos considerar as Forças Armadas como a base de uma santa aliança contra a visão comunista no Brasil. Não importa que este, ou aquele general, este ou aquele coronel, pareçam engajados na mesma aventura de destruição da nacionalidade. No momento exato, veremos que não será necessário recorrer ao velho fuzil ou à gaúcha enferrujada do civil assustado, do fazendeiro que defende a terra dos seus pais como quem defende os sete palmos de seu destino. Na hora absoluta da decisão, eles, os militares, não estarão defendendo apenas as propriedades rurais e urbanas, as liberdades públicas, os alicerces democráticos da Pátria: eles, os militares, estarão defendendo, contra o comunismo, que não é mais uma utopia, mas uma realidade brutal — as suas carreiras, pois sabem que, vencidos, serão trocados por milícias operárias ou camponesas, como na terra de Fidel.

O grande mudo – Exército Brasileiro – a tudo assiste, como um leão reumático, um velho leão do circo brasileiro, dentro da jaula onde prenderam a democracia. Cutucam-no os Brizolas *ET caterva*. Os falsos domadores se animam, julgando que o rei perdeu a sua força. Súbito ele eriça a juba, o pelo se eletriza – e, em um instante, o corpo de pé, prepara-se para a reação. E daquele animal soberbo, que parecia emudecido para sempre, sai um urro de fogo. O urro democrático.

Assim será com a Marinha. Assim será com a FAB. Assim será, principalmente, com o Exército Brasileiro. O grande mudo. Porque o velho leão – preso e espezinhado na jaula da legalidade – não está morto, embora o pareça.

# UM PESADELO DA LIBERDADE

Ten Brig Ar Deoclécio Lima de Sigueira (em memória)

Publicado na Revista Aeronáutica, nº 129, de 1981.

Como Ministro do Superior Tribunal Militar, pronunciou, no ciclo de Estudos da ADESG de Brasília, conferência em que abordou tópicos deste artigo.

"Nós, na Europa, não consideramos mais a Rússia uma potência ideológica". Raymond Aron

uando Raymound Aron, o experiente e acatado pensador político francês, passou pela Capital Federal, a convite da Universidade de Brasília, no seu meritório programa de contatos com a intelectualidade mundial. tive a oportunidade de ouvi-lo. Em uma de suas conferências, coloquei a seguinte pergunta: "sabendo-se que há no meio dos intelectuais da atualidade a constatação de que o comunismo é cada vez mais uma quimera, alimentada pelas próprias contradicões que criou, poderíamos considerar este fato como favorável ao Ocidente, já que esta ideologia era o grande trunfo do Imperialismo Soviético?". Respondeu-me o mestre: "Nós, na Europa, não consideramos mais a Rússia uma potência ideológica".

Essa resposta sintetiza uma situação que nos transmite sensação de otimismo com relação ao mundo das democracias livres. Tudo começou no após a II Grande Guerra, em que houve o grande confronto entre a liberdade e o despotismo. De há muito a humanidade livre vinha, sob tensão crescente, sofrendo o assédio do Absolutismo. Viu surgir, na Rússia, o Comunismo; na Itália, o Fascismo; na Alemanha, o Nazismo; e, em muitas outras regiões, os eternos imitadores. No grande conflito da década de 1940, o jogo era de vida ou morte para o homem livre. Este venceu, e, vitoriosa a liberdade, era natural que as grandes tensões acumuladas se extravasassem em uma euforia incontida que gerou os anos de pós-guerra, marcados por um excesso de liberdade. Esta, descontrolada, caminhava para o suicídio; e, enfraquecida, de pronto sofreu o ataque impiedoso do comunismo, o qual, paradoxalmente, era ajudado pela direita na sua tradicional aversão pelas Democracias. O comunismo, então, avançou; não pela sua força, mas pela fraqueza da presa, exaurida pelos seus excessos, sem alento para se contrapor às investidas dos extremismos. Por isto vimos, também, a consolidação de outros regimes de força.

#### "O marxismo tem sido a maior fantasia do nosso século".

Na década de 1960, houve o despertar. A inteligência do mundo livre apercebeu-se da armadilha em que caíra. Os pensadores, eternos condutores da humanidade, puseram-se a campo, na missão redentora da liberdade. Do povo russo, surgem os dissidentes na esteira de um Soljenitsin, com o seu grito heroico em defesa da dignidade do homem. Outros, ou se levantam, ou se convertem em todas as partes do mundo, engrossando as fileiras dos que haviam resistido ao lado da liberdade. De um Raymond Aron, que há muito já havia dado o seu brado de alerta no livro execrado pelos comunistas deslumbrados e eufóricos dos anos 1940, e hoje obra consagrada: Comunismo, o ópio dos intelectuais. Este despertar generaliza-se como que em uma reação em cadeia. Outro pensador dissidente, Leszek Kolkowski, expulso do Partido Comunista polonês, em 1966, após 20 anos de militância, inclusive na alta direção, mostra-nos a sua frustração quando diz: "O marxismo tem sido a maior fantasia do nosso século", e, mais adiante: "Uma igualdade absoluta pressupõe um despotismo absoluto, mas o despotismo pressupõe desigualdade". Quando disse isto, certamente o Sr. Kolkowski tinha em mente os fatos divulgados há pouco por outro dissidente russo, em livro de grande repercussão, intitulado: Nomenclatura e os privilegiados na Rússia, que denuncia ao mundo o surgimento de uma classe específica, no universo supostamente sem classes do marxismo.

Tudo isso, mais: a inércia da ideologia; os vícios da oligarquia partidária; a gerontocracia implantada; a reação do operariado polonês; a efervescência em outros países subjugados; a instabilidade ideológica da China; as últimas derrotas eleitorais dos PC; de democracias livres; o recuo do socialismo em certas áreas; e, em contrapartida, a promissora revitalização de um sentido mais espiritual da vida em muitos segmentos das sociedades, são indícios de que a balança tende a pender a favor da liberdade, cujas forças se realimentam e se expandem na sua inerente fermentação criadora.



opor a esses inconvenientes, o homem tinha dois caminhos: o arbítrio ou a lei. O arbítrio conduz ao liberticídio. Só resta, então. a lei. Isto levou o grande Jean Jacques Rousseau a proclamar, no Contrato social: "A liberdade compartilha do destino das leis, reina ou perece com elas".

No reinado das leis, desempenha papel de suma importância o Judiciário. No seu aparelhamento e na sua presteza repousa a sua eficiência, base da confiabilidade que dará às leis a ma-

jestade imprescindível. Em nosso país, há que se desenvolver uma conscientização nesse sentido. A atual Lei Orgânica da Magistratura, de aprovação recente, proporciona condições para que, democraticamente, se aperfeiçoe a nossa Justiça.

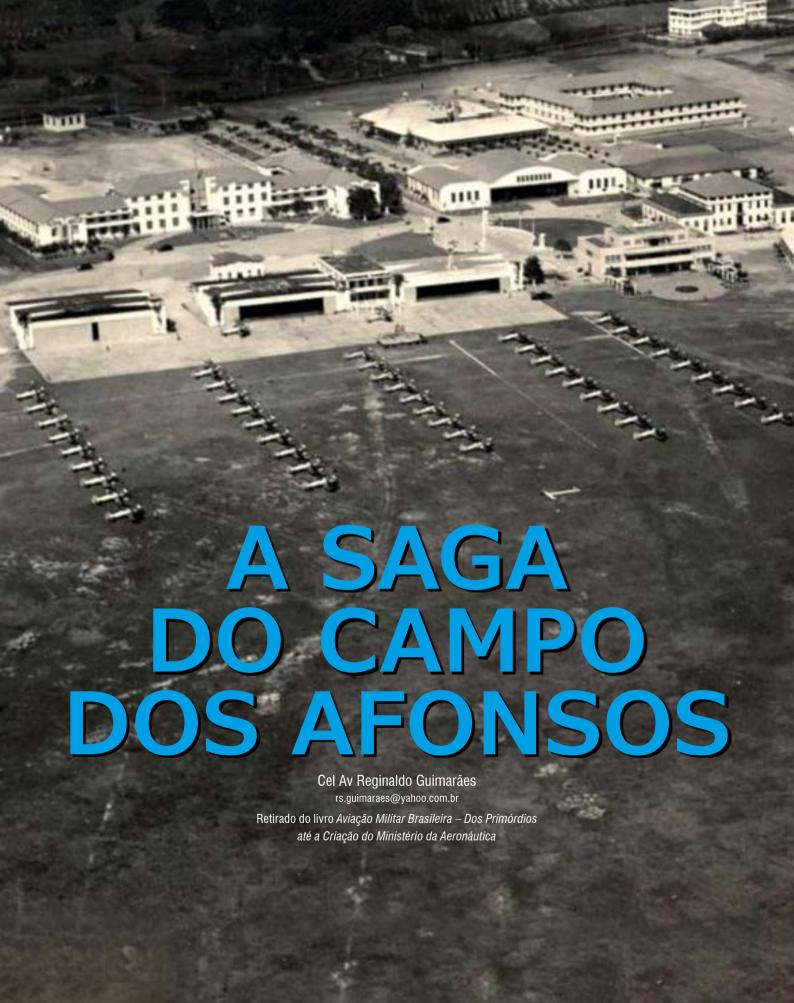
Em seu art. 98, por exemplo, estabelece o seguinte:

Art. 98. Quando o regular exercício das funções do Poder Judiciário for impedido por falta de recursos decorrente de injustificada redução de sua proposta orçamentária, ou pela não satisfação oportuna das dotações que lhe correspondam, caberá ao Tribunal de Justiça, pela maioria absoluta de seus membros,

Esse preceito, como outros da referida lei, destina-se às Justiças Estaduais, justamente àquelas que, mais de perto, servem aos cidadãos comuns. Cada um, portanto, deve, junto aos seus representantes estaduais, pugnar para que cada Estado, pelo seu Executivo e pelos seus Tribunais, trate de aperfeiçoar ao máximo a sua Justiça. Acredito que, com o tempo, tal aperfeicoamento será dinamizado, pois já se fazem sentir, no Campo Federal, os efeitos dos propósitos da lei citada. Paralelamente, há uma preocupação crescente com a atualização de determinados códigos. Na Justiça Militar a que pertenço, posso dar o testemunho de que muita coisa tem melhorado.

cão da União no Estado.

Se nos conscientizarmos de que liberdade é obediência à lei, como Rousseau preconizou, e que o império da lei está na dependência de uma Justiça eficiente, então podemos viver tranquilos, certos de que se confirmará a previsão do velho mestre da Sorbonne: a democracia sempre vencerá e, com ela, a liberdade.





(...) a fazenda emprega 200 bois e 180 escravos como lavradores, além dos que fazem os serviços da família. A produção é de cerca de 3.000 arrobas de açúcar e setenta pipas de água ardente. As terras se estendem desde Tapera, onde, há 200 anos, havia uma aldeia de índios mansos.

Em 1906, passou a pertencer à Brigada Policial do Distrito Federal para servir como invernada ao Regimento de Cavalaria.

Muitos fatos significativos ligados aos primeiros anos da aviação brasileira tiveram como palco o lendário Campo dos Afonsos, "Berço da Aviação Militar". Seguem alguns exemplos: 1912 – O Ministro da Justiça cede, a título precário, em 12 de dezembro, uma parte do Engenho dos Afonsos ao Aeroclube Brasileiro.

1913 – Construção do primeiro hangar por Nicola Santo, com autorização do Aeroclube Brasileiro, para funcionar como oficina mecânica para montagem de aviões.

**1914** – 2 de fevereiro, inauguração da Escola Brasileira de Aviação.

**1914** – 5 de julho, pouso do primeiro voo sem escala de São Paulo ao Rio de Janeiro, realizado por Edu Chaves.

**1919** – 10 de julho, inauguração da Escola de Aviação Militar.

1920 – 22 de janeiro, recebimento de brevê pela 1ª turma de oficiais pilotos aviadores.

1922 – 25 de maio, primeiro voo do bimotor "Independência", construído no Brasil.

1925 – 14 de janeiro, partida, do Campo dos Afonsos, da esquadrilha Latécoère rumo a Buenos Aires, com os pilotos Etienne Lafay, Vitor Hamm e Paul Vauchet, levando como mecânicos Gauthier, Estival e Chevalier.

**1927** – A partir de 1927, pelo Campo dos Afonsos passaram pilotos reconhecidos, como Jean Mermoz, nos voos da Aéropostale, antiga Latécoère,

**1927** – 1º de outubro, primeiro salto de paraquedas no Brasil, realizado pelo Tenente Carlos Saldanha da Gama Chevalier.

1930 – 25 de maio, primeiro pouso do dirigível alemão D-LZ 127 Graf Zeppelin.

1931 – 12 de maio, criação do 1º Grupo Misto de Aviação, primeira Unidade Aérea da Aviação Militar, comandado pelo Major Eduardo Gomes.

1931 - 12 de junho, primeiro voo do Correio Aéreo Militar no trecho Rio/São Paulo, pilotado pelos Tenentes Cassimiro Montenegro e Lavenère Wanderley.

**1931** – 10 de julho, o Presidente Getúlio Vargas voou no protótipo do avião Muniz 5, projetado pelo Capitão Guedes Muniz.

**1933** – 17 de outubro, voo do avião Muniz 7, primeiro avião construído em série no Brasil.

1938 – 27 de janeiro, a Escola de Aviação Militar passa a chamar-se Escola de Aviação do Exército e, em 1940, Escola de Aeronáutica do Exército.

1941 – 27 de janeiro, cerimônia militar de passagem da aviação do Exército para o recém-criado Ministério da Aeronáutica.

# O CARNAVAL DE CLARICE

Cel Art Frederico José Bergamo de Andrade Membro do Grupo de Estudo do Pensamento Brasileiro olgaefred@hotmail.com



ECIFE. Praça Maciel Pinheiro, antes denominada Conde D'Eu. Vemo-la em 1875, retratada por Marc Ferrez, com a sua inconfundível e então recém-inaugurada fonte ao centro, obra do artista português Antônio Moreira Rato em comemoração à vitória das tropas brasileiras na Guerra do Paraguai.

A praça tem no médico Pedro Ernesto do Rego Baptista um dos seus mais ilustres filhos. Ali tendo nascido, tornou-se prefeito do Rio de Janeiro nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas, sendo até hoje lembrado como amigo dos pobres e dos foliões, e grande incentivador da criação de Clubes de Frevo naquela então capital federal. Também em sua gestão foram criadas as regras para o desfile das Escolas de Samba no Rio.

Reduto de imigrantes judeus, a praça foi morada de Clarice Lispector menina, em parte de sua infância e de sua adolescência. Clarice, embora nascida na Ucrânia, sempre teve uma forte relação afetiva com o Recife e, quanto à brasilidade, sempre fez questão de se declarar pernambucana. De seu sobrado em frente à praça, Clarice via um mundo de folias e de folquedos populares que tinham o seu começo naquele velho largo recifense. Eram principalmente clubes de frevo que tomavam a praça como ponto de partida para os seus desfiles pelas ruas da Imperatriz e Nova. Sobre a multidão que os acompanhava era possível bem se distinguir os estandartes dos clubes sempre altaneiros, as tubas de suas potentes orquestras e um sem número de quarda-chuvas e sombrinhas empunhadas por passistas modestamente trajados, porque pobres eram as suas vidas, tão bem retratadas pelo olhar sensível de Pierre Verger, bem como pela ótica modernista de Lula Cardoso Ayres. Um grande número de foliões que se apresentavam fantasiados em tais cortejos carnavalescos era constituído de mascarados. Eram mascarados que costumavam se aglutinar em bandos. Em Pernambuco, de acordo com as suas especificidades regionais, os mascarados são denominados como ursos, caretas, peludos, caiporas ou papangus.

Em uma de suas crônicas, é a própria Clarice que nos remete a esse seu tempo repleto de sonhos e de fantasias: "E quando a festa já ia se aproximando, como explicar a agitação que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu". E prossegue: "No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixava-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé de escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem". E para tanto Clarice nos diz que "Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfumes e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto que ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz. E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois era essencial para mim."

Não somente Clarice, mas também muitos outros nomes ilustres consideravam o vasto núcleo histórico do Recife, com suas coloniais ruas estreitas e seus pátios de igrejas, como uma espécie de palco do seu carnaval, ambiente urbano propício para a execução e florescimento da música e da dança do frevo pernambucano. "Ruas estreitas como quem se abraça quando o bloco passa na ilusão da vida", no dizer do poeta e compositor Getúlio Cavalcanti, ao se referir ao carnaval do bairro de São José e ao "Bloco das Ilusões".

Noite de quinta-feira da semana pré-carnavalesca. Nessa noite, o velho sobrado onde morou Clarice, preservado até hoje em sua memória, é o ponto de onde anualmente uma agremiação carnavalesca de nome "Escuta Levino", em homenagem a Levino Ferreira, um dos maiores compositores do frevo pernambucano, parte para seu desfile pelas ruas do Recife.

Clarice insistia em dizer que o Recife morava dentro dela. A saudade do Recife sempre a acompanhou. Penso que somente o próprio Recife poderia justificar tamanho sentimento e, dele, suas lembranças mais profundas. Estas se concentravam principalmente "na sua praça, no seu sobrado". Era para lá que haveria de se dirigir após seu desembarque no aeroporto, em sua última visita ao Recife, em maio de 1976, hospedando-se em hotel então construído próximo à casa onde havia morado. Impôs a si própria a liturgia que, para ela, nesse momento, julgava apropriada para dignificar um sagrado reencontro: posicionou-se por um tempo na praça em frente ao sobrado, em uma severa e respeitosa postura contemplativa e, após isto, aparentou estar imersa na mais recôndita meditação. Imagino que, para seus acompanhantes que assim a viam, um deles, o então jovem e promissor poeta José Mario Rodrigues, hoje membro da Academia Pernambucana de Letras, uma atitude que parecia sugerir que somente naquela mesma praça, naquele mesmo sobrado, e mais em nenhum outro lugar, poderia celebrar uma comunhão mais profunda com as mais bonitas, preciosas e sublimes recordações que o seu passado poderia lhe proporcionar. Depois, Clarice sentou-se em um dos bancos da praça e pôs-se a saborear os pregões dos vendedores de frutas que, então, a percorriam. No ano seguinte, em dezembro de 1977, na véspera de completar 57 anos, considerada, talvez, no Brasil, como a maior representante de uma literatura intimista, haveria de vir a falecer.

Para Ariano Suassuna, alguns frevos, de tão tristes, chegam a ser trágicos. Aos primeiros acordes de um frevo, ao mesmo tempo vibrante, se plangentes, executados pela orquestra do "Escuta Levino", prestes a partir em sua aventura carnavalesca pelas ruas do Recife, como se a música pudesse carregar consigo a dor de uma saudade, a suave fragrância de um botão se abrindo em uma grande rosa escarlate toma conta de toda a praça. "É A HORA DA ESTRELA".

## UMA CARREIRA DEDICADA À AVIAÇÃO DE CAÇA

Cel Av Roberto Fleury



voando Xavante em Santa Maria/RS (1989-1992), realizando toda gama de missões da Aviação de Caça. Lá fiz emprego noturno, lancei salva de foguetes, navegações rasantes (NBA), ataque naval, TGP, combates e tudo o mais afeto a nossa aviação. Dos quatro anos fui pau-de-sebo em dois anos (1991/1992), e minha pior colocação foi um 4º lugar, em 1989, quando voei 253:50.

De lá, pedi e fui transferido para o Segundão, em Santa Cruz, onde servi no Pif-Paf de Espadas por cinco anos (1993-1997). Foram anos de combates dissimilares contra o F-103 e o A-1, reabastecimento em voo, emprego ar-solo e ar-ar, enfim, tudo o que a caça sempre fez, nenhuma novidade. Aqui figuei entre os dois primeiros no pau-de-sebo somente em três dos cinco anos, pois no primeiro ano como PFO não havia como competir. e no meu quarto ano de Grupo (1996) fiz a EAO, que nos tirava três meses da escala de voo. Nesta fase, no Grupo de Caça, voei entre 104 e 130 horas por ano de F-5. Lá fui o piloto mais eficiente pela primeira vez na minha carreira, em 1993, do 1º GAvCa e, em 1997, pela segunda vez, mas apenas do 2º/1º GAvCa. É bem verdade que em 1993 somente completaram todo o emprego os cinco alunos, os demais levaram erro máximo nas missões que não haviam completado, o que facilitou minha vida...

Findos esses cinco anos de supersônico, tentei, sem sucesso, uma transferência para o GDA, mas sob o pretexto de que eu já havia voado 1<sup>a</sup> linha, foi-me negada essa ida para o Mirage. Estranhei, pois o Baptista Jr. (75) acabara de voar os dois aviões (F-103 e F-5), assim como o Almeida (76), o Heraldo (77), o Teixeira (Tromba de 73), o Burnier (66), e mais uma infindável relação de pilotos. Mas, enfim... fui transferido para minha segunda opção, que era o Joker, em Natal.

No 2°/5° GAv, como instrutor, passei quatro anos (1998-2001), e mais uma vez, fui o pau-de-sebo nos três primeiros anos, e quarto lugar em 2001, quando operei o ligamento cruzado anterior do joelho direito. O ano em que mais voei na caça, atingindo a marca de 348:30, foi 1999. No 20/50 GAv, fiz muitos amigos, muitos dos quais meus alunos, que até hoie me brindam com suas estórias e seu respeito. Lá, fui, pela terceira vez, o Piloto mais Eficiente, em 2000, sempre na Esquadrilha de Espadas.

Terminada essa fase, em 2001, já como Major, achei que sairia da Aviação de Caça, pois teria de ser escolhido para ser S-3 de algum Esquadrão, o que não era tão simples assim, já que havia muitos pilotos capazes concorrendo.

Felizmente, fui escolhido pelo então Ten Cel Sobreira (75) para ser o Oficial de Operações do Pacau (2002-2003), que estava de mudança para Natal. Foram dois anos realmente espetaculares, pois tínhamos armamento para 70 pilotos e, por motivo da mudança, éramos por volta de 35 pilotos. Então, pudemos fazer tudo o que a caça fazia e mais um pouco, pois tínhamos Maxaranguape no nosso quintal e o litoral próximo. Foram 12 missões de qualificação de BRBA e seis missões das outras modalidades (LF/BP/BN/TT/TA/BR noturno) para cada piloto, logicamente com eixos de ataque variados, para as missões ar-solo. Lembro que, pela primeira vez na história da caça, que



eu saiba (depois os antigões que me desmintam), fizemos BN no eixo inverso (foi um alvoroço, mas tudo deu certo, fora uma linha de comunicação cortada quase nos últimos dias de emprego). Tivemos a oportunidade de fazer NBA noturna com lançamento de bomba real, com apoio de flare do 1º GAvCa, tudo em completo silêncio, rádio com a técnica da época (relógio/mapa/terreno), pois não havia GPS, e todos cumpriram com sucesso. Estande noturno (LF e TT), salva de 14 foguetes por piloto – tudo como nos tempos de Tenente no Centauro! Além disso resgatamos o tiro aéreo em curva, que eu, particularmente, nos meus 15 anos de caca, não tinha visto ainda ninguém fazer, era só estória dos veteranos. A missão era simples, mas estava em desuso pela FAB. Também fizemos combate a baixa altura (chão a 1.000 ft) e dissimilamos com todos os Esquadrões que foram a Natal, menos o 14 (afinal, lá era o estande preferido de 10 entre 10 Esquadrões). Foram normalmente missões de 2 AT-26 x 1 A-1/F-5/F-103. e algumas poucas 2x2. Deve-se incluir aí também o dissimilar contra os AT-27 do Escorpião mas dessa vez em BV. Enfim, foi muito bom. Fui o Piloto mais Eficiente pela quarta vez em 2002, e o mais voado em 2003, chegando em segundo lugar no pau-de-sebo em 2002. Foram dois anos no Pacau de Espadas.

Findos esses dois anos, pensei, "agora acabou para mim na caca...". Mais uma vez, o meu copinho de sorte, que sempre me acompanhava, me ajudou. O Ten Cel Osmar (77) iria assumir o Grupo de Caça e queria o Maj Beal (81 da minha turma) para ser seu S-3. Contudo, o Beal estava servindo em Brasília, muito bem alojado, e a Fabiane, sua esposa, como deve ser, falou mais alto e ele declinou, não sem antes me "indicar" como um possível substituto. Olha a sorte aí de novo! O Ten Cel Osmar aceitou a indicação, e lá fui eu de volta para Santa Cruz, para o Pif-Paf de Espadas, renovando meu contrato por mais dois anos na caça (2004-2005), tendo de postergar por duas vezes a ECEMAR. No Segundão de novo, fizemos o emprego completo para todos os pilotos, com sorteio de aeronaves nas missões de qualificação, de modo que todos ficassem nivelados e tivessem a mesma oportunidade (já havia feito assim nos dois anos de Operações no Pacau). Foi possível completar seis missões de qualificação por piloto, com regras decididas antes do início do torneio eficiência, executando ataques a Marambaia em eixos variáveis (tudo coordenado com o APP-RJ, pois havia PI no través da Praia da Macumba, corredor visual), inclusive BN no eixo inverso! Também fizemos, pelo que me consta, pela primeira vez na caça, (de novo, de meu conhecimento!), REVO noturno rasante, com NBA noturna após (logicamente) e emprego em Butiá com apoio de flare lançado por um de nossos F-5 equipados com SUU-25. Soube, anos depois, que o estande de Butiá não era homologado para emprego

noturno, mas o Kayser, Maj de Armamento (que tinha sido 15 anos do 14 e era o atual Chefe do SERMAB-5), deu um jeito e arrumou uma permissão para nós... Os Cap Mateus (91) e Pietrani (90) teêm uma estória interessante em uma dessas missões conjugadas que deixaram nosso King 01 de cabelo em pé. Nesses dois anos, ganhei o TA e os troféus de Piloto Eficiente pela 5<sup>a</sup> e pela 6<sup>a</sup> vez na minha carreira, terminando o ano na primeira e na quarta colocação no pau-de-sebo, respectivamente. Completava aí 18 anos ininterruptos na Aviação de Caça (1988-2005), todos sempre servindo dentro do Esquadrão, ou no setor de Operações ou de Inteligência.

Em 2006, não houve jeito, e fui obrigado a fazer a ECEMAR. Tinha voado até janeiro F-5 e aproveitei para voar U-7 na BASC naquele ano, por deferência de seu Comandante, Cel Machado (General de 75).

Por mais um acaso do destino, fui indicado Comandante do 1º/14º GAv (2007-2008). Meu Operações foi o Maj Alves (85), pé e mão, e excelente Oficial que servia no Pacau, que foi comigo em dezembro de 2006 para Canoas para readaptarmos no bicudo. No primeiro ano, tivemos nove alunos para formar, seis deixados pelo Cmt anterior, e mais três que recebi em 2007. É bem verdade que, para os seis alunos remanescentes, só faltavam o noturno, o REVO e a fase inteira de 11F (coisa pouca, mais de 20 missões/piloto, kkk). Nada a reclamar pelas infindáveis horas na nacele traseira de um F-5F! Não fizemos torneio em 2007, pois estávamos recebendo os F-5 modernizados com muitos problemas de Dx/Dy no software. Em 2008, além do emprego ar-solo e ar-ar que fizemos, fomos brindados e cumprimos muito bem a missão de levar o Brasil pela segunda vez à RED-FLAG, dessa vez cumprindo missões ar-ar. No 14, fui pau-de-sebo no primeiro ano e segundo colocado no segundo ano, voando 119:25 e 125:35, respectivamente. Completava o ciclo máximo de 20 anos na Aviação de Caça dentro da UAe: 14 anos de Espadas, 4 anos de Alfa Centauro e 2 anos de Pampa Azul.

Transferido a pedido para III FAe, Comando da Caça, tive a oportunidade de, logo no início de 2009, ir a Linköping, na Suécia, avaliar o Gripen (projeto F-X2), voando na nacele dianteira 8:30. Na III FAe permaneci por dois anos (2009-2010), voltando a voar o Xavante em 2010 por deferência do Brig Bermudez (72), uma vez que o Comandante anterior era contra o voo de caca de seus Oficiais nas Unidades subordinadas. Foram muitas missões rebocando alvo, e algumas de combate e tiro aéreo, quando o Gonçalves (GROO de 89, S-3 do Pacau) ficava com pena do velho Coronel. Além dessas horas em 2010, fui agraciado com o curso do A-29 pelo Brig Bermudez, o que me permitiria voar o avião no ano seguinte, quando iria comandar a BAPV.

Em 2011, assumi a BAPV e, além do C-98, voei exatas 42:05 de A-29, fazendo o curso e ministrando instrução em NVG. Além disso, eu e meu GSB, o incansável Ten Cel Macedo (85), Oficial de Escol e de extrema lealdade, tivemos a oportunidade de cumprir parte do programa de emprego ar-solo em Cachimbo, fazendo TT/BNB junto com os Tenentes, além de ajudar na instrução dos novos líderes de Esquadrilha. Terminavam aí os 23 anos quase que ininterruptos de contato direto com a Aviação de Caça.

Em 2012, no CPEA, fiz um voozinho de AT-26 (FAB 4514) em SBSJ na nacele dianteira, e outro de Hunter em Gavião Peixoto com o Jordãozinho (73), meu antigo instrutor do Joker, além de revalidar o meu CVI no 2º/5º GAv liderando uma 5F de A-29 (FAB 5979), deferência do Maj Pestana (91), meu ex-aluno.

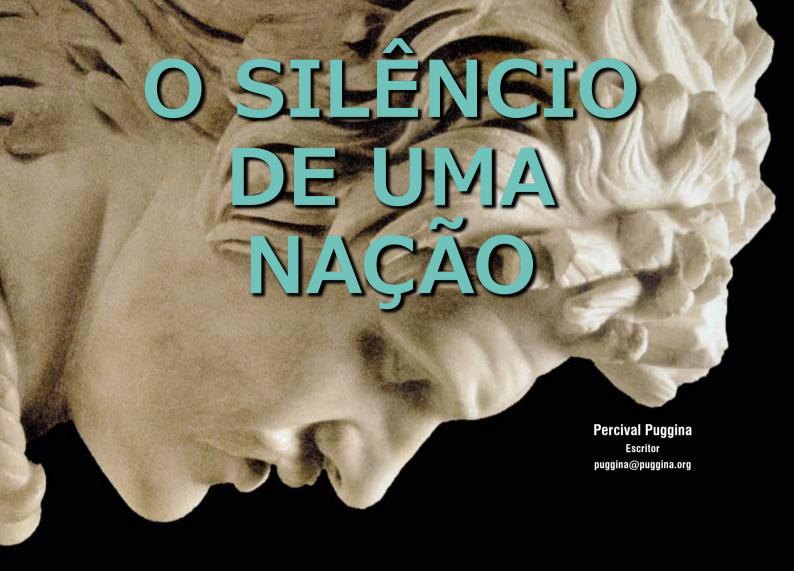
Em 2013 e 2014, fui Adido de Defesa e Aeronáutica na Argentina, onde pude ainda fazer um voozinho de IA-63 (Pampa) e outro de IA-58 (Pucará), mais algumas horas de A-29 (FAB 5924) no deslocamento BsAs-Trelew-BsAs quando da campanha de pouso com vento cruzado desse avião em Punta Arenas, no Chile, sendo o Adido mais voado de caça, com um total de 9:55!

De toda essa estória, ficaram as 1.034:15 de F-5B/E/F/M (9 anos), as 2.764:10 de AT-26 (12 anos), as 84:15 de A-29 (2 anos - FAe III + BAPV), as 8:30 de F-39, e as 25:00 de A-1/F-103/F-2000/F-16/IA-63/IA-58, todas documentadas na caderneta de voo para guem guiser verificar, totalizando 3,916:10 horas de Caça. Foram nove vezes no pau-de-sebo e oito vezes nos 2º e 4º lugares, dos 20 anos de UAe. Quem tiver mais na Aviação de Caça, que se apresente com sua estória e sua caderneta de voo!

Segue relação de horas voadas e colocação no pau-de-sebo por ano:

SENTA A PUA! BRASIL!

poi ano.			
ANO	<b>ESQUADRÃO</b>	HORAS DE VOO	COLOCAÇÃO
1988	J0KER 102	152:25	///
1989	CENTAURO 117	253:50	4º
1990	CENTAURO 117	224:30	2°
1991	CENTAURO 117	236:15	10
1992	CENTAURO 117	206:45	1º
1993	PIF-PAF 13	104:35	22º (PF0)
1994	PIF-PAF 10	108:55	2°
1995	PIF-PAF 07	130:10	1º
1996	PIF-PAF 04	113:15	13° (EAO)
1997	PIF-PAF 01	130:00	2°
1998	JOKER 10	325:15	10
1999	JOKER 07	348:30	10
2000	JOKER 06	267:20	10
2001	JOKER 05	183:35	4º
2002	PACAU 02	237:15	2°
2003	PACAU 02	218:35	10
2004	KING 02	106:00	1º
2005	KING 02	87:25	4º
2006	ECEMAR	26:55	///
2007	PAMPA 01	119:25	1º
2008	PAMPA 01	125:35	2°
2009	SABRE	37:15	///
2010	SABRE	101:55	///
2011	GRIFO HON 75	42:05	34º
2012	CPEA	7:35	///
2013	AD ARG	8:45	///
2014	AD ARG	1:10	///



restem atenção, ouçam o silêncio. O Brasil emudeceu. Durante quatro anos, o povo foi sendo alertado sobre a própria irrelevância. Erguendo bandeiras que expressavam seu amor à pátria, ele ia às ruas e às praças, de onde clamava inutilmente contra excessos de uns e omissões de outros. Aos tribunais superiores, os excessos; ao Congresso Nacional, as omissões. Quem como eu subiu em tantos carros de som ao longo de 10 anos sabe do que falo ao afirmar que, quanto mais se avantajava o "contramajoritário" poder das altas Cortes e se expandia o baixio dos interesses parlamentares, mais as instituições mostravam seu desdém à nação.

Por fim, o silêncio, a quietude de uma democracia deserta, sem povo. Muitas vezes penso que os senhores do poder se veem como representação política em um deserto onde, aqui e ali, esqueletos cívicos testemunham a ação destruidora que os vitimou.

Só que não. A nova tirania tirania é. Quem tem olhos de ver sabe o que vê. Tornozeleiras não inibem opiniões nem a percepção de injustiças e abusos. Consciências bem formadas doem e se condoem na dor alheia. Um sismógrafo que captasse emoções perceberia o ruído nesse subterrâneo dos sentimentos. A democracia relativa, contramajoritária, bem ao gosto das Cortes e dos plenários, talvez não consiga captá-lo, como tampouco o percebe um jornalista que me escreveu outro dia.

Ele é militante da tirania real combatendo os fantasmas das narrativas petistas. Ele crê no que lhe dizem em detrimento do que os olhos capturam da realidade e, por isso, após ler meu artigo "8 de janeiro, a narrativa e os fatos" (aqui), escreveu-me perguntando se não me envergonhava de afirmar o que afirmei. A seu modo, perante fantasmas ensinando a combater com lança-chamas retóricos, comentou cada parágrafo questionando os limites dessa minha falta de vergonha.

Constrangimento em forma explícita, que preferi não responder porque preferi tratar do assunto aos olhos e discernimento dos meus leitores. Caríssimos, vergonha eu teria se calasse, se me sujeitasse, se conferisse meu silencioso consentimento àquilo que vejo. Aí, sim, eu teria vergonha de mim! Jogo a democracia pela regra do jogo, não pelas regras dos tiranos e seus aprendizes. Nada há na Constituição de 1988 que iniba meu direito de opinar sobre os acontecimentos nacionais, os protagonistas de nossa política e as impropriedades de nosso modelo institucional.

Quando toda divergência for silenciada só se ouvirá o coro da tirania no velório da liberdade.

Como me disse certa feita em Havana um médico com quem conversei e me falou das dificuldades que a ditadura lhe impunha:

"Solo el Señor es mi señor".



urante a Segunda Grande Guerra, como em todas as guerras, a correspondência individual no Teatro de Operações fica sob censura. Todos os exércitos do mundo tomam tal medida para evitar que, caindo em mãos do inimigo, a correspondência contendo informações, às vezes julgadas inocentes pelos missivistas, possa dar margem a interpretações que levem a descobrir intenções, objetivos, estado de espírito e moral da tropa etc.

Nero Moura, Comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça, atuando na Itália, não concordava que tal procedimento se estendesse aos seus homens e já recomendara aos escalões superiores que não o fizessem. Mas continuaram a fazer, inclusive remetendo a ele algumas cópias de cartas em que seus comandados o criticavam. Muito do seu costume, franco, leal, direto, reuniu os companheiros para tratar do assunto.

"Vocês são jovens, e os jovens são irreverentes... eu dei ordens... para não censurarem as cartas de vocês. Pois bem, aqui tenho em mãos quatro fotocópias de cartas que (os homens do Gabinete) me remeteram, em que vocês me criticam acremente. Felizmente o que vocês falaram de mim não me atinge e, por um simples motivo, o que foi dito é profundamente injusto. Vou queimá-las na frente de vocês, mas aproveito para lhes dar um conselho de mais velho e mais experiente também: somente se acusa alguém de alguma coisa se houver provas, se não, o máximo que se pode fazer é pensar, mas pensar baixo. Quero lhes dizer ainda que vocês não foram traídos por mim, que já proibi que censurassem suas cartas... continuo a pensar de vocês o que já

tenho repetido várias vezes: nunca comandei nem nunca convivi com homens tão nobres. É só."

Essas palavras são um depoimento transcrito do "Senta a Pua", de Rui Moreira Lima, à época, tenente e autor de uma das cartas.

Nero Moura não mais tocou no assunto, nem modificou seu tratamento em relação aos comandados, os quais sentiram toda a dignidade do seu gesto e se confessaram admiradores do comandante.

Mas sua história, a importância desse gaúcho de Cachoeira do Sul, não se restringe aos episódios da Guerra na Itália, onde demonstrou, nas suas 62 (sessenta e duas) missões de combate, bravura desmedida e técnica esmerada; sua história não pode ser restrita aos acontecimentos que limitaram cronologicamente a campanha da Aviação Brasileira no Grande Conflito Mundial. É preciso conhecer melhor o homem Nero Moura, cuja atuação transcende o 3 de janeiro de 1944, data em que desembarcou em Albrook Field, no Panamá, para juntar-se, com seus homens-chave, ao restante do voluntariado (que se constituiria no 1º GAv Caça), e vai muito além do 16 de julho de 1945, data em que pousou no Campo dos Afonsos, comandando uma formação de 19 Thunderbolts P-47, com seus heróis, após a Guerra.

Disse o pensador:

"Conspira contra sua própria grandeza o povo que não cultiva os seus feitos heroicos".

E ainda:

"A nação que não sabe honrar seus heróis não sabe honrar a si mesma".

O período do "Senta a Pua" não há quem desconheça; o que procuramos captar em nossa conversa, sempre informal, na sua residência, foi o espírito do homem que reside por trás do "caçador", do comandante e do ser que, estranhamente, viveu com uma inaudita extemporaneidade, a experiência de ser Ministro, ao completar 40 anos de vida.

#### RA – O Sr. é natural de onde?

NM – Eu sou natural da cidade de Cachoeira, no Rio Grande do Sul. Hoje ela se chama Cachoeira do Sul. Nasci em 30 de janeiro de 1910.

#### RA – Onde foram feitos seus estudos? Em Cachoeira do Sul, mesmo?

NM – O estudo primário todo foi feito em Cachoeira, lá na minha terra; eu fiz o ginásio no Rio Branco, depois vim... naquela época, Cachoeira ainda não tinha curso secundário, então meu pai nos levou – a mim e a meu irmão mais velho que eu – nos levou para Porto Alegre e nos colocou no Colégio Militar. Figuei interno e lá tirei todo o curso secundário.

#### RA - E depois de Porto Alegre, o Sr. foi para onde?

NM – Bom, quem naquela época terminava o Colégio Militar tinha direito ao ingresso na Escola Militar do Realengo, que era do Exército. Vim para o Rio de Janeiro em marco de 1927, onde eu sentei praca, acho que no dia 2 de abril desse ano, e fiz os dois anos no Realengo; depois fui transferido para os Afonsos.

#### RA – O Sr. ingressou no Exército, mais movido por quê? O seu pai era militar? Tinha alguém na família que era militar?

NM – Não! Não tinha nada, não.

#### RA – Mas como nasceu esta vocação?

NM – (risos) É o seguinte: o papai era fazendeiro, agricultor. Ele plantava arroz e tinha criação de gado. Eu adorava aguela vida de fazendeiro, de andar a cavalo, achava muito bonito. E a minha mãe, que acompanhava o meu pai desde que se casaram, tinha horror daquela vida, porque realmente, naquela época, como talvez até hoje, a vida da mulher no campo, principalmente no Rio Grande do Sul, era horrorosa. A mulher só trabalhava o dia inteiro e depois da janta não tinha o que fazer, porque não havia uma única distração. Não havia rádio, televisão, não havia nada. De modo que era uma vida insípida e muito trabalhosa. Ela tinha pavor, vivia chorando para o meu pai sair da fazenda e vir para a cidade. Antes mesmo de terminar o Colégio Militar, eu já estava com a ideia de estudar agronomia e ficar na fazenda, mas a minha mãe dizia: "Meu filho, não figue em fazenda". Olha que, nesta época, já em 1925 ou 1926, nós morávamos pertinho de Porto Alegre. Nós íamos a Porto Alegre com facilidade. De automóvel até à vila, e da vila pegávamos um naviozinho tipo barca da cantareira e íamos para Porto Alegre. Era como se morássemos em Niterói e vínhamos ao Rio em uma hora, uma hora e meia. E ela me disse: "Não, meu filho, aproveita e vai ser militar. Não seja fazendeiro, que é a vida mais infeliz e mais difícil que existe". Bom, tanto ela bateu essa tecla que eu um dia, até para ver se ela desistia, eu disse: "Mamãe, se eu for para..." – nessa época já andava nos primórdios da aviação, via os aviões da Latécoère voando naquela época... - "mamãe, se eu for militar, eu vou ser aviador". Ela respondeu: "Eu não me incomodo. Tenho certeza de que você vai ser feliz. Pode ser aviador". E o papai, quando se falava em aviação, ele dizia: "Eu não criei filho para morrer em cima de um avião, eu tenho horror de aviação. filho meu não vai ser aviador".

Ele era muito autoritário, eu já figuei meio com medo, mas em todo caso era uma ideia que estava na minha cabeça. Vim para o Rio de Janeiro e fiz o primeiro ano. Quando voltei das férias, haviam mudado o regulamento de escolha da arma. Agora eram cinco. porque a aviação havia sido criada em 27, quando eu fui para os Afonsos. A gente escolhia a arma no fim do segundo ano. E passou a se escolher a arma no fim do primeiro ano. Quer dizer, quando eu chequei do Sul (passei as férias lá com a família), chequei na escola e tinha de escolher a arma. Agora não havia a quem perguntar, nem podia consultar papai, nem mamãe, nem nada.

#### RA - Teve de escolher?

NM – Tive de escolher, eu e meu irmão, os dois. E eu disse aviação! - Olha, disse meu irmão, o papai não vai gostar...

- Bom, vou experimentar.

Eu escolhi aviação, e ele escolheu infantaria.

#### RA - Em que ano foi isso?

NM – Isso foi no princípio de 28, bem no início de 28. A aviação... quer dizer, não era uma vocação. Eu nunca tive assim, nessa época, uma loucura pela aviação. Achava bonito, achava uma arma interessante e deveria ser muito bonito voar: eu tinha lido muitos livros também sobre aviação, sobre os aviadores da Primeira Guerra Mundial. Até hoje eu me lembro do título de um livro, foi escrito por um francês, um soldado, um piloto, uma coisa assim, isso me marcou muito. Ele dava a ideia do que era um aviador, de como se voava, o que se via acima das nuvens. Aquele panorama todo ele descrevia. Depois esse piloto foi abatido e caiu no meio das linhas amigas, e o arrastaram e trouxeram para o hospital; ele passou, parece que, uns dois anos no hospital, e a vida dele no hospital é que foi dolorosa.

#### RA – E quais eram seus colegas de turma?

NM – Bom, na minha turma, nós nesse dia escolhemos para ir para aviação 48 candidatos, e só ficaram 28. Vinte foram eliminados. Começamos a fazer inspeção de saúde em abril, início das aulas, e elas foram até o dia 10 de julho. Colegas meus foram eliminados em junho, na inspeção de saúde. A inspeção de saúde naquela época demorava porque em cada lugar se fazia uma especialidade. Eu me lembro de que o coração era no Hospital Central do Exército; o psicológico era no Hospital Graffrée Guinle, no Engenho de Dentro. Era o Major Médico Ubirajara. Os outros exames, que eu não me lembro quais eram mais, eram feitos aqui no Hospital do Mangue, não sei se ainda existe esse hospital.

RA - Existe, sim.

NM – Existe, é?!

RA - Existe.

NM - Pois é, lá eles faziam não sei que exame, e num outro hospital fazíamos a...

#### RA – Se eu não me engano o nome desse hospital aí do Mangue

NM – Este do Mangue é o São Francisco de Assis.

#### RA – E os 28 quais eram?

NM – Tinha nessa turma um tal de Amadeu Anastásio. Esse, quando entramos na Escola Militar, foi meu companheiro desde o primeiro ano, era um alucinado por aviação. Vivia pintando avião; vivia com modelos de aviação; conhecia tudo! Passava um avião lá em cima ele dizia "esse é um Morane, este é um Spad", era um fanático. Foi eliminado no exame de vista. Ele era daltônico e não sabia, então foi eliminado. Depois ficou na cavalaria. Mas foi uma pena, nós todos sentimos, porque ele era um sujeito extraordinário, alucinado por aviação. Acabou oficial de cavalaria, foi lá para São Paulo, tirou o brevê de piloto civil. Se não me engano, morreu de acidente de aviação. Eu não era fanático. Gostava, mas não era fanático! Tanto é que eu tinha espírito de cavalaria. Eu dizia: "Bom, se eu não entrar na aviação, vou para cavalaria, vou para o Rio Grande, vai ser bom". Gostava muito de andar a cavalo. Mas tive sorte, passei no exame. Hoje sobram vivos somente oito: Balloussier, que era o primeiro da turma, o segundo iá morreu. Faria Lima, aquele José Vicente Faria Lima, que foi Prefeito de São Paulo. O terceiro era o Miguel Lampert, também já morreu. O quarto era o Theophillo de Mendonça, que também já morreu; bom, vou contar só os vivos. Tinha o Botelho, Anizio Botelho, que foi ministro do Jango; Geraldo Guia de Aquino, aquele pequenininho simpático que esteve muitos anos na Panair, depois, quando veio a guerra, ele saiu e veio ser piloto, voltou a ser oficial. Está reformado. Então, vivos estão o Balloussier, o Botelho, o Aquino, o Moutinho Neiva, o José Moutinho dos Reis (o Caburé), não sei se você conhece, o Sócrates Gonçalves da Silva, que chefiou a revolução na Escola de Aeronáutica em 35, parece que está vivo ainda. Tem o Jocelim Brasil Barreto de Lima, que era muito inteligente, muito filósofo, era uma cabeça privilegiada. Tinha... bom... e eu.

#### RA – E na Escola, que avião era usado? Como é que era o curso? Era feito como?

NM – Na escola de aviação? Bom, nós fomos mandados para os Afonsos no dia 1º ou 2 de abril de 29. Entramos, e a Escola não estava preparada. Já tinha a terceira turma, estava lá. A terceira turma era do Júlio Américo, do Guilherme, do Wanderley, do Mota Lima. Eram oito ou nove; hoje deve ter dois ou três vivos. Era a terceira turma, porque a primeira turma era a do Montenegro, Lemos Cunha, Prata, vivos são esses, e o Araripe, que foi ministro. São os vivos dessa turma, da primeira. A segunda turma foi do... vamos ver se tem alquém vivo (risos), porque o resto morreu. Era o Vale, que já morreu, o Clovis Travassos, que já morreu, era... quem era o primeiro da turma? Não me lembro, mas esses morreram quase todos; deve ter um ou dois vivos aí, daqui a pouquinho eu me lembro deles. Depois vinha a terceira turma.

#### RA - Que era a sua turma?

NM – Não, a minha turma era a quarta; a terceira era o Julio Américo, era o Guilherme, era o Ribeiro, o Mota Lima. Deve ter uns dois ou três vivos. E vem a minha turma, que tem oito vivos.

#### RA – Bom, como eu lhe fiz a pergunta, foram para os Afonsos, a Escola não estava preparada e...

NM – Bom, então nos alojaram lá em um canto, transformaram em alojamento e ficamos lá indo todos os dias para os hospitais fazendo aquela "via crucis". Acabou tudo isso e fomos matriculados, mas para nós a vida mudou da noite para o dia. Vivíamos naquele regime do Realengo, que era uma dureza, uma disciplina férrea e uma falta de conforto desgraçada. A comida era de amargar. Bom, quando chegamos no Campo dos Afonsos, iá a disciplina mudou muito. Nós saíamos a hora que queríamos. Os oficiais nos tratavam como se fôssemos oficiais. Podíamos sair, não havia proibição nenhuma. Saía à hora que queríamos, nós íamos para a inspeção de saúde, voltávamos à hora que queríamos, só tínhamos horários para as refeições... até que fomos matriculados. Aí foi uma caça aos nossos professores. Dificuldades de encontrar professores para nós. Meio do ano, já julho, eu me lembro que para Química nos arranjaram um farmacêutico.

#### RA - Bom... mas e o voo?

NM – Bom, a Escola não estava preparada e não tinha voo para nós... a Missão Francesa ainda estava dando as cartas e dirigia a Escola de Aviação Militar, que era como se chamava o Campo dos Afonsos.

#### RA – Bom... e aí guando é que começou o voo, realmente?

NM - No terceiro ano, começamos a voar. No segundo ano cada um deu um voozinho, e eu dei um turno de pista de três minutos, e nunca mais.

#### RA - Em que avião?

NM – Num Morane 130, que era o avião mais perigoso da época. Era um avião mais ágil, mais veloz; e logo com o Major Samuel Gomes Pereira, barbeiro pra burro! Ele deu um turno de pista, me largou e foi voar. Mas todo o segundo ano foi só instrução teórica, professores improvisados. No terceiro ano, então, começamos o curso regular que já vínhamos fazendo havia quatro anos com as outras turmas; aí seguimos o curso normal com a Missão Francesa nos orientando, dando a instrução de pilotagem e a instrução teórica com professores franceses.

#### RA – Instrutor de voo?

NM – Não! Instrutores teóricos, descritiva, analítica, aerodinâmica, tudo francês.

#### RA - Até o instrutor de voo era francês?

NM – Não, o instrutor de voo, chefe da instrução, era o Terrason. Francês era o professor de Navegação, o Dordili. E tinha outros. O Terrason era um pequenininho assim, mas um grande piloto. O meu instrutor de voo, o primeiro, foi o Chico Borges, esse que eu falo que vocês tinham que gravar a vida dele. E você pode começar assim que tiver oportunidade, a gravar, guardar isso depois e vai fazer um benefício para a aviação. Bom, era o Chico Borges meu instrutor. Naquela época, você, eu não sei... mas eu saí aspirante a oficial no dia 22 de novembro de 1930, eu tinha naquele dia 17 horas de voo. tinha feito meu laché com sete horas e meia de voo.

#### RA – Larga experiência, hein?!

NM – Grande experiência! E aí figuei voando, turno de pista e não cheguei a voar nos Morane 130; só voava nos Morane 147, e a instrução não tinha método. Cada instrutor fazia o seu ensinamento conforme ele gostava. O instrutor pegava a gente, entrava no avião, lá em cima, ele dava os comandos e começava a fazer gestos. Dava aulas aqui no chão e lá em cima fazia gestos. Não havia comunicação entre o piloto e o aluno. Eu fiz o ano inteiro 17 horas de voo. Saí oficial, aspirante-aviador com a larga experiência de 17 horas de voo (risos).

#### RA - Bom, depois o Sr. saiu e foi para onde? Foi servir em que unidade?

NM – Eu fui declarado aspirante por causa da Revolução de Outubro de 30. Ela venceu no dia 24 de outubro: não tivemos mais aulas. Nem nós, nem Realengo, porque nós continuamos com cordão umbilical que estava no Realengo. Então, o Exército resolveu nos declarar aspirantes, e fomos declarados no dia 22 de novembro de 1930, lá no Campo de Marte do Realengo. O que você perguntou?

#### RA - Em que unidade o Sr. foi servir?

NM – Nessa época havia ainda o regulamento que geria a formação dos pilotos e chamava-se Brevê A. Após formados tínhamos de fazer o Brevê B, que eram outros estudos especializados sobre aviação, pilotagem de aviões mais avançados. Então, no ano seguinte, 1931, eu fui fazer o Brevê B. Quem fazia o Brevê B, quem dirigia tudo eram os franceses. Mas, com a Revolução de 30, a aviação do Exército interrompeu o contrato com a Missão Francesa. E aí foi uma anarquia que eu vou te contar. Todo dia tinha uma quebra de avião. Aquela turma segura na disciplina da aviação francesa, que incutia em nós formação de piloto militar, foi embora; nós achávamos aquilo horrível e passamos a usar o avião como brincadeira.

#### RA – Mas por que eles foram embora?

NM – Porque o Exército estava cheio da Missão Francesa, e, nós, os aviadores, eu ainda era cadete, mas os mais antigos estavam com raiva deles também, porque obrigavam a trabalhar, a voar, a voar militarmente, a fazer missões de tiro, de bombardeio, de navegação. Tudo eles exigiam e tinha provas, esse negócio de provas aéreas foi do tempo deles. Cada aviador tem de voar tantas horas. Tudo isso era deles, e desde essa época. Mas a turma que estava lá não queria saber disso. E os que queriam cumprir isso eram muito pouquinhos; não conseguiam dominar a turma de indisciplinados que nós tínhamos. Quando a Missão Francesa saiu dos Afonsos foi um carnaval diário, cada um dando raze motte...

#### RA – Virou circo?

NM – É, virou circo, uma brincadeira, custamos a entrar num regime direito. Só entramos quando veio a Revolução de 32, e aí nós tivemos de fazer missões...

#### RA - Reais?

NM – Reais. Na Revolução de 32 é que entendemos o porquê da aviação (risos), qual era o objetivo, por que nós éramos aviadores. Nós tínhamos de cumprir missões de guerra. E muitos cumpriram. Quando voltamos, voltamos com uma nova mentalidade. Então conseguiu-se organizar a aviação e mandamos alguns oficiais para a América do Norte tirar curso, e aí começamos a melhorar, a nos organizar.

#### RA - Bom... e quais foram as unidades em que o Sr. serviu, depois dos Afonsos?

NM – (risos) Eu fiquei nos Afonsos... bom... em 34, eu fui mandado para a França, tirar um curso de aperfeiçoamento.

#### RA – Aperfeiçoamento de quê?

NM – De aviação. Houve um concurso na aviação militar. Já existia o Ministério do Ar, na França, e eles mandaram oferecer duas vagas no curso de aperfeiçoamento de aviação. Fizeram um concurso entre os oficiais que tinham os requisitos necessários. Eles pediam um número de horas de voo mínimo, pediam idade máxima, um posto também, só podia ir capitão ou tenente. Sei que fizemos o concurso. Eu e o Alcides Moutinho Neiva, da minha turma, fomos classificados e mandados fazer o curso na França. Assim, eu passei um ano na aviação francesa. Nessa época já existia o Correio Aéreo. Eu chequei na França já com mil horas de voo, de modo que era um ás, era um senhor piloto. Lá, um piloto, um grande piloto, tinha 400 horas. Os franceses não tinham o correio aéreo, era só o voo em avião militar, isso rendia muito pouco. Um capitão chegar com mil horas de voo era uma loucura. Eu vi, na França, generais pilotando aviões de caça, mas eles tinham 500 ou 600 horas de voo. O tempo de voo lá era 20 minutos por dia. Voavam duas vezes por semana. Havia a época do mau tempo durante o inverno, em que guase não se voava. Pois quando cheguei lá e disse que tinha mil horas de voo foi um espanto, porque eles não estavam habituados com essa quantidade. Passei um ano na França.

#### RA – Mas o que o Sr. aprendeu lá? O que lhe foi ensinado?

NM – Na França, eu fiz... estudei muito tática aérea, aprendi, não, tinha aulas lá de tática aérea, e a França nessa época era a nação mais..., tinha acabado de ganhar a guerra, né; era a nação mais bem preparada em estratégia. Lá nós tínhamos cursos e discussões sobre guerra contra a Alemanha. Nas nossas aulas lá eles não escondiam, não. eles diziam assim: os boches nos atacaram, então nós mobilizamos o Primeiro Exército, o Segundo Exército, o Quarto Exército, tudo real, como existia lá na França. Não era brincadeira, não. Naturalmente só entravam franceses na aula e nós, brasileiros. Nós tínhamos lá dois russos, um argentino, acho que tinha um uruguaio e nós dois.

#### RA – Quem era o outro brasileiro, mesmo?

NM – Era o Alcides Moutinho Neiva, da minha turma; éramos os dois companheiros lá. O francês dava aula de guerra contra a Alemanha com toda clareza, não era partido azul, nem partido vermelho, era "a Alemanha nos atacou". Eles não diziam Alemanha, não, diziam os boches.

#### RA – E, na volta ao Brasil, o Sr. foi para onde?

NM – Lá ainda fizemos tiro. Nós passamos dois meses em Cazoux; é a escola de tiro e bombardeio, é perto de Bordeaux, quase na borda... na embocadura do Ródano, e ali era o país das ostras; eu comi ostras lá pra burro. Mas tinha uma escola de tiro e bombardeio. Na época, uma coisa formidável. Os aviões usados eram os Potez;

eles tinham os Nieuport Delage. Então, nós pilotávamos os aviões atacando os alvos rebocados e trabalhávamos com metralhadora nas torres com os Potez. Fizemos missões de tiro e fomos fazer bombardeio com visores que eram uma porcaria, mas fazíamos; era do lado de fora da carlinga do avião, assim que fazíamos a visada. Umas linhazinhas, mas a gente, pela velocidade do avião, colocava as linhazinhas nos visores e íamos lá para cima e jogávamos as bombas. Mas aprendemos a fazer tiro, a fazer bombardeio, e aprendemos a trabalhar com o exército, a fazer comunicações do exército com aviação, a dar informações a eles, a regular tiro de artilharia; o que a ELO fez na Segunda Guerra, naquela época era avião de querra que fazia. Tínhamos a colaboração com o exército; fizemos em Reims, lá na Champagne, trabalhos com o exército, na linha onde houve briga durante a Primeira Guerra Mundial. Ainda tinha umas trincheiras lá; o terreno é todo calcário. Então, eles cavaram umas trincheiras: depois, quando cobriram, o branco calcário ficou. Você via as linhas da guerra de 18 ali desenhadas na terra. Eles faziam manobras assim. Acabou o curso, viemos para o Brasil em outubro. Logo em seguida, estourou a revolução comunista, eu nem chequei a ser classificado. Chequei da Franca, ainda estavam estudando. Aonde é que nos iam colocar? Estávamos na Escola de Aeronáutica aguardando classificação. Fim de ano, estoura a revolução comunista, que nós nem sabíamos, não tínhamos nem noção que estavam fazendo revolução aqui. E a Escola foi incendiada, alguns instrutores que eram rebeldes foram presos, foram eliminados, e um mês depois a Escola teve de terminar o curso, retomar suas atividades. Aí me colocaram como instrutor de informações. Mas foi só até o fim do ano. Eu dei acho que umas quatro ou cinco aulas, e acabou a minha missão. Aí começa o ano de 36. A Escola estava mais organizada, reaparelhada, e me escalaram para ser instrutor de tiro e bombardeio. Aí eu figuei de 36 até 38 como instrutor do curso de tiro e bombardeio. Fiz campo de tiro e bombardeio lá em Jacarepaguá. Dava instrução de tiro aéreo e bombardeio nos Afonsos.

#### RA – Que avião era usado para esta instrução?

BN – Nós já tínhamos material americano. Quando a Missão Francesa foi embora, nós tratamos logo de comprar avião americano porque, este é o detalhe, na Revolução de 30, o governo de Washington Luiz mandou comprar 20 aviões americanos para fazer a guerra contra o Rio Grande. Vieram 20 Curtiss Fledgling, que foi o avião que começou o Correio Aéreo. Era um avião biplace aberto, uma asa descomunal de comprida, e velocidade de 130km/ hora. Era uma aeronave que não servia para avião-escola, pois gastava muita gasolina. E não servia para nada. Então, ficou um avião para fazer aqueles voos no entorno dos Afonsos, pois era um avião fácil de voar. Aí saiu a ideia, ideias do Sr. Montenegro... antes da Revolução de 30, só existia, de aviação militar no Brasil, o Campo dos Afonsos. Quando da Revolução de 30, criaram uma unidade de guerra com os aviões franceses de combate que nós tínhamos. Eram os Liore et Olivier; eram os grandes bombardeiros de longo alcance, que a França tinha nos vendido em 1928 ou 29.

#### RA – Qual era o alcance (redundante) deste bombardeiro de longo alcance?

NM – Depois da revolução este avião foi escalado para um voo direto do Rio a Campo Grande. Era uma missão para representar o Brasil na posse do presidente do Paraguai. O governo mandou uma missão representá-lo. O plano de voo... os franceses ainda estavam no Brasil...

#### RA – Eu perguntava...

NM – ... eu estava dizendo que a Missão Francesa ainda estava aí, porque vi a ordem de um avião Liore ir representar o país em Assunção. O único campo de aviação na rota era Campo Grande. E o Liore, apesar de ser um bombardeiro de longo alcance, aterrava em 600 metros e também decolava nesta mesma distância. Ele tinha 24 metros de envergadura e era biplano e com cinco tripulantes. Dois pilotos, o bombardeador, o navegador e o mecânico. Este avião, para ir a Campo Grande, sua velocidade era de 150/180km, devia levar umas 10 horas de voo. Então, o plano era sair de manhã cedo para Campo Grande. Os franceses prepararam a missão. Pesaram tudo que havia a bordo. Encheram o avião de gasolina, pois Campo Grande não possuía gasolina de aviação. Então o avião tinha capacidade de carregar nesta distância X quilos de bombas, então eles substituíram este peso por gasolina. Nesta época, a gasolina era entregue em latas. Neste avião os pilotos eram o Quadros e o Messias, o navegador era o Quintela, o brigadeiro Araribóia, na época, era major, o comandante da guarnição e o chefe da missão; os dois sargentos, Dario Perle e o Dioclécio. Decolaram às 7 horas da manhã para poderem chegar diurno a Campo Grande, reabastecer e no dia seguinte prosseguir para Assunção. Decolaram e, daí a uma hora, regressaram. Tinha um motor trepidando, e pelo rádio pediram para preparar o outro Liore. Não deu outra, foi aquela correria para preparar o avião reserva. O avião em pane parou ao lado do reserva, e houve o transbordo de todo o material. Após completado o carregamento, a tripulação deu partida, decolou... a isto eu assisti. O avião deu uma corridinha e começou a subir, na vertical, e na altura de uns 150 metros ele virou, embicou e caiu, na vertical. E foi aquela explosão, um fogaréu. Deste acidente o Araribóia saiu ileso, ninguém sabe como saiu também o Dioclécio, o mecânico, os outros tripulantes morrerram. Ninguém sabe como estes dois conseguiram escapar.

#### RA - Descobriu-se o motivo do acidente?

NM - Os franceses depois foram examinar e descobriram. Na afobação de decolarem... o avião tinha o comando de compensador de profundidade acionado por uma rodinha. Ao lado da cadeira do piloto, comandava, cabrar e picar. Aquilo era muito importante, pois o avião era muito comprido. Então, nós encontramos o comando todo cabrado, que era a posição do avião quando no chão, só se colocava na posição neutro, por ocasião da decolagem. Mas naquela época não havia lista de cheque. Então era: - Está pronto? - Pronto. - Checou os magnetos? Era só. Não havia cheque.

#### RA - Não houve mais a missão?

NM – Caiu o avião e acabou. O que supomos foi que, ao tomar a posição cabrada, as latas de gasolina, que na segunda decolagem não haviam sido amarradas, correram para a cauda e aí deseguilibrou mais ainda o avião.

#### RA – Voltando à pergunta. A missão acabou?

NM – Acabou ali. Morreram os quatro tripulantes e não havia mais motivos.

#### RA – O Sr. falava que o Montenegro começou o que mesmo?

NM – O Correio Aéreo. A unidade do Campo dos Afonsos era a Escola de Aviação Militar. Quando acabou a Revolução de 30, haviam chegado alguns aviões franceses que havíamos comprado. Chegaram também os Curtiss Fledgling, como já disse. Então criaram o Primeiro Grupo de Aviação Misto dentro dos Afonsos sob o comando do Eduardo Gomes. Ele levou para esta unidade os oficiais revolucionários de 30. Eram o Montenegro, o Clóvis, e outros... levou o Faria Lima, um grupo de oficiais ótimos... e o Fontenelle, que era o subcomandante. E fizeram essa unidade de Lione et Olivier, Amiot que era um bombardeiro médio, monomotor. Era um charutão comprido, grande que só, era biplano também. Era o avião com o motor mais potente da época, um Hispano Suisse de 650 cavalos. Neste grupo colocaram os 20 Curtiss Fledgling. Como a Escola estava cheia de aeronaves de instrução que eram o Morane 147 e o Morane 130, estes Curtiss ficaram no Grupo Misto. E o Montenegro meteu na cabeça do velho Eduardo: por que não vamos fazer um correio? Treinar navegação, porque ninguém agui sabe navegar. Nós íamos até Porto das Caixas; íamos a Saguarema e voltávamos. Não havia nem campo de aviação, fora os Afonsos. Vivíamos voando em torno do campo. Não sabíamos navegar. O Eduardo aceitou, começou a debater a ideia e ganhou permissão, e começamos a voar na rota Rio-São Paulo. Daí originou-se o Correio, por causa desse excesso de aviões.

#### RA – Nós já estávamos em 38 aí...

NM – Eu passei no tiro e bombardeio até 38, dando instrução para a turma de cadetes e oficiais por causa do Brevê B. Pois, apesar de os franceses terem ido embora, nós continuamos com este tipo de instrução que adquirimos deles. O aluno terminava o curso, saía oficial e saía Brevê A. E depois, no Brevê B, ele melhorava o tipo de pilotagem e aprendia outras matérias, como tática aérea, mais geografia, navegação. Fazia muitos exercícios práticos. O Brevê B era muita pilotagem, muita navegação, muito tiro e bombardeio, que o Brevê A não tinha. Nesta época eu fui chamado pelo Ministro da Guerra, que era o General Dutra, que me disse: "Você vai comandar o regimento". Nesta época, nós já tínhamos mais dois regimentos de aviação, o 3º, em Santa Maria, e o 5º, em Curitiba. Tínhamos uns outros núcleos. Após a Revolução de 32, o governo federal comprou os Boeing e o Corsário; os Boeing eram aviões de caça. Em 38 a situação era a seguinte: o 1º Regimento era no Campo dos Afonsos, onde agora estão os Buffalos. Então os Boeing e os Corsários, que foram comprados para a Revolução de 32, quando chegaram, a revolução havia acabado, deram origem ao 1º

Regimento de Aviação usando os Boeing e parte dos Corsários. Os outros foram constituir o 5º Regimento de Aviação, em Curitiba; no Rio Grande do Sul, pegaram os Falcons, que os paulistas haviam comprado do Chile, e colocaram em Santa Maria, constituindo o 3º Regimento de Aviação.

#### RA – 0 Sr. foi chamado para comandar o 3º Regimento?

NM – O Governo Federal estava cercando o governo estadual para não se arriscar a ser surpreendido por uma revolução. Eu servi lá. comandando, durante uns 10 meses. E foram mandados para lá três aviões Corsário para reforçar os que estavam destacados no Regimento.

#### RA - Dez meses depois, o Sr. foi servir em que unidade?

NM – O Flores da Cunha entregou o governo do Rio Grande do Sul. e eu pedi para retornar ao Rio. Aí nesta época eu fiz a transferência deste regimento de Santa Maria para Canoas, em Porto Alegre. Esta base foi idealizada pelo Lampert. Este regimento foi o modelo, pois foi a primeira unidade planejada e construída para aviação. Após, vim para o Rio e me classificaram novamente no Campo dos Afonsos, e acabei chefe de instrução de pilotagem até a criação do Ministério. Em 1941, eu saí dos Afonsos e fui para o Gabinete do Ministro Salgado Filho.

#### RA – Como foi esta transição da Aviação Militar e Naval para Ministério da Aeronáutica?

NM – Quando começou a guerra em 39, na Europa, começaram agui uma campanha para criação do Ministério da Aeronáutica. Porque a França tinha Ministério da Aeronáutica; a Alemanha, a Inglaterra, a Itália, todos estes países tinham. Então os oficiais aviadores brasileiros começaram uma campanha mobilizando as autoridades, porque nós, na aviação militar, éramos comandados por generais que não tinham tradição aeronáutica, e por isto vivíamos brigando para ter material, termos mais bases, mais recursos e mais gente e queríamos ter uma escola própria. Nesta época, em 1940, o cadete de aviação voltou para Realengo. Não ia para os Afonsos. Passava lá durante todo o curso. Vinha todos os dias de ônibus para a instrução de pilotagem e retornava para o Realengo. Ele não tinha convivência com a aviação militar. Então tudo isto nós achávamos ruim. O uniforme – quando foi criada a arma de aviação – era gola aberta, e o Exército tinha aquela gola



Ministro Salgado Filho, Nero Moura e sua esposa Marieta.

fechada no pescoço. Até isto eles acabaram. Nós tínhamos umas botas de atacar (amarrar), eles acabaram, Fizeram um uniforme igual ao do Exército. Nós tínhamos uma raiva! Eram picuinhas e bobagens, pois eles nos achavam indisciplinados. Realmente os aviadores são um pouco menos disciplinados. Eles não nos davam colher de chá. De modo que a única solução era criar o Ministério da Aeronáutica. O Presidente Vargas, no Estado Novo, podia fazer o que queria, e criou o Ministério.

#### RA - O Sr. foi para o Gabinete do Ministério, e que posição o Sr. ocupava lá?

NM – Eu ainda era Capitão. Havia oito anos. Eu saí aspirante em 30, e em 34 eu já era capitão. Depois figuei de 34 a 41 como capitão. Eu então fui convidado pelo Salgado para ser assistente militar. Ele tinha oito oficiais de gabinete e dois assistentes militares, não sei até hoje qual a diferença...

#### RA – Quais eram os oficiais deste gabinete?

NM – Eram o Neto dos Reis, o Ismar Brasil, o Taunay, o Pamplona, ajudante de ordens, tinha o Vasco Alves Seco, que era o mais antigo, mas não era o chefe de gabinete. Para chefe de gabinete o Salgado levou o Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, de cavalaria, oficial da reserva, professor do Colégio Militar. Mas, da ativa, tinha ainda o Wanderley, o Faria Lima e eu. Eram quatro do Exército e quatro da Marinha.

#### RA - Para balancear?

NM – É, para equilibrar. O Salgado foi um grande Ministro. De uma sabedoria inusitada. Porque, em sendo um civil, ele tinha uma visão que nós não imaginávamos que ele tivesse. Uma das coisas que ele fez, e que até eu cito como uma grande medida, foi o Corpo Médico da Aeronáutica. Ele determinou que os médicos da Aeronáutica só trabalhassem meio expediente nos quartéis. À tarde, fossem trabalhar nos hospitais e consultórios particulares. Isto deu um treinamento aos médicos que eles não poderiam ter nos quartéis. Então um médico militar na época era como médico de bordo. Não tinha experiência nenhuma, era um fossilizado. A vida militar era, no caso, um cabide de emprego. Médico sem aspiração e sem perspectivas. Ele criou nova mentalidade. Aí os médicos passaram a olhar a Aeronáutica com outros olhos. Trabalhar de manhã na Aeronáutica e à tarde no seu consultório. E por isto nós temos hoje o melhor corpo médico das três Forças Armadas. Quando eu era capitão, achei errado. Quando eu fui ministro, achei certo. Nosso corpo médico é um corpo de primeira ordem.

#### RA – O Sr. foi piloto do presidente, não foi? Qual o avião usado para essas missões?

NM – Era um Lockheed 12A do tempo da Aviação Militar. Nós tínhamos dois. Logo que eu vim do Sul, fui voar neles, pois estavam destacados no Campo dos Afonsos. Eu vivia voando neles. Assim, a primeira viagem que o Getúlio fez, eu o conduzi. Outro piloto que também voava era o Melo. Mas, como ele era Comandante, não tinha muita disponibilidade, e eu realizei várias viagens. Como já havia um relacionamento pessoal com o presidente, acabei sendo chamado a palácio para opinar sobre etapas e cidades onde poderíamos atingir de avião.

#### RA – Um embrião do Grupo de Transporte Especial (GTE)...?

NM – É, foi assim que começou. Eu viajava quase toda semana com o pessoal da presidência.

#### RA – Uma curiosidade. Onde foi instalado o Ministério na época de sua fundação?

NM - A primeira sede foi em cima do hangar Caguot, que leva o nome do criador do desenho. É aquele hangar que foi sede da Zona Aérea, onde hoje está situado, de um lado, o GEIV, e, do outro, a Líder e Aeróleo e outras companhias. É um hangar de uma funcionalidade excepcional. No teto dele, onde se juntam as duas metades do hangar, existem várias salas, e eu acho que ali funcionava a Diretoria de Aeronáutica Civil, não sei bem. Mas, quando criaram o Ministério, eu estava em Pocos de Caldas, de férias. E me havia recém-casado, e eles mandaram me chamar. Quando cheguei, o gabinete já estava instalado lá no Caquot. Ali ficamos uns seis meses. Então o Ministro alugou um prédio na Rua México, 70, e passamos a funcionar lá até o Ministro Trompowsky comprar o antigo Ministério, na Avenida Marechal Câmara.

#### RA - Então o Sr. ficou no Gabinete até ser indicado para ser comandante do Grupo de Caça?

NM – É, até ser...

#### RA – Como a FAB entrou nessa de mandar uma unidade aérea para a guerra?

NM – Eram acordos de governo que eu não acompanhava. Um dos acordos era que o Brasil tinha o compromisso de mandar uma força terrestre e algumas unidades aéreas. Era um grupo de caça, um grupo de bombardeiro B25, e não sei qual outra unidade. Eu sei que havia este compromisso, mas o Brasil, com a dificuldade de organizar e ter o pessoal, foi adiando até o momento em que o americano, que teve de tirar forças da Itália para preparar a invasão da Normandia, precisou de homens para ficar na Itália. Aí eles começaram a compelir o Brasil a mandar suas três divisões. O Brasil mandou uma só. E, da aviação, eu só recebi a incumbência de recrutar e selecionar o pessoal que ia para o grupo de caça. Recebi a incumbência porque eu era, no Gabinete do Salgado, o homem encarregado do pessoal. Era eu quem fazia a escala do pessoal para determinadas missões. O traslado daqueles 400 aviões que o Brasil recebeu durante a guerra, quem fez a escala do pessoal fui eu. Eu era encarregado deste serviço. Como eu conhecia todos os oficiais vindos do Exército, todas as vezes que o Ministro queria nomear alguns comandantes, mandava me chamar. Sabe quantos oficiais havia nesta época vindos do Exército? Duzentos, do coronel ao aspirante. Os da Marinha eram em número de 100, e eu não os conhecia, mas perguntava sempre ao Taunay, que era proveniente da Marinha. Todas as vezes que o Ministro necessitava de um oficial para um comando, nos consultava. Nós nos reuníamos, eu, Pamplona, o Faria Lima, que tinha grande influência no gabinete, porque era um homem inteligentíssimo, trabalhador e

preparadíssimo, e prestávamos as informações necessárias ao Ministro. Chegou um dia que o Ministro disse que tínhamos de enviar um grupo de caça para a Itália. Então me deram os critérios e o número de pessoas. Eram 36 homens que iriam para Orlando fazer o curso de guerra. E pediu mais 350 homens para apoio, que seriam selecionados, enquanto os 36 estavam fazendo o curso. Depois seriam reunidos no Panamá e enviados para a guerra. De acordo com as exigências dos americanos, nós já havíamos feito uma circular pedindo voluntários. Recebemos a relação e, de acordo com os critérios, começamos a escolher o pessoal: primeiro, os 36 homens-chave que deveriam ir para Orlando e depois escolhemos os comandantes de esquadrilhas, e deixei a eles o encargo de escolher os seus pilotos, pois nesta época eu já não conhecia o pessoal mais novo da Aeronáutica. Organizamos tudo, eu e o Faria Lima, e então fomos levar ao Ministro. Só faltava o comandante, que seria escolhido pelo Salgado Filho:

- Sr. Ministro, só falta o Sr. escolher o comandante.
- Quem o Sr. sugere?

Eu disse:

 Ministro, eu encontrei muito poucos preenchendo as condições. Porque a idade e o posto limitam muito a escolha, mas eu, como preencho as condições, desejaria ser o comandante desta unidade.

E o Faria Lima disse ao mesmo tempo:

- Eu também preencho as condições, Sr. Ministro, e também disputo o comando da unidade.
- O Ministro então ficou indeciso pois os dois oficiais de quem ele gostava muito, amigos dele.... Aí eu disse:
- Ministro, o Major Faria Lima é engenheiro aeronáutico. O governo investiu muito dinheiro para formá-lo, enquanto eu sou um simples piloto. Se um de nós for abatido, quem menos causa prejuízo sou eu, que não custei grande coisa para ser formado. Para formar o Major Faria Lima foram necessários três anos de curso na França. De modo que me julgo, por esta razão, uma indicação mais adequada para esta missão. Eu sou apenas piloto, e ele é piloto e engenheiro, tem outra função mais elevada. Ele começou a argumentar [Maj Faria Lima] e o Ministro Salgado ouviu e ouviu...
- O Sr. tem razão, eu preciso dos dois, não gostaria que nenhum fosse, mas não posso negar um pedido de nenhum dos dois. Mas o Major Nero tem mais razão que o Sr. O senhor é engenheiro e é muito caro para o Ministério. Então, eu escolho o Major Nero. Foi assim que fui indicado.

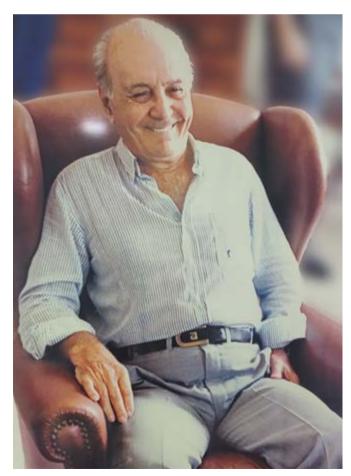
### RA – Uma curiosidade que gostaria de esclarecer. O COMTA [Comando de Transporte Aéreo] foi criado durante a sua gestão como Ministro da Aeronáutica, não foi?

NM – Realmente, quem assinou fui eu durante minha gestão como Ministro, como uma continuação do plano de organização que a Força Aérea sofreu antes de mim. Ele previa órgãos e unidades que não foram criados no tempo do Ministro Trompowsky. Quando eu cheguei, faltavam alguns órgãos a serem criados, e um deles era o COMTA. Mas já era uma ideia tirar... pois antigamente o

transporte aéreo estava subordinado ao Serviço de Rotas Aéreas. Não foi imaginação minha, nem do meu gabinete, pois o COMTA já estava previsto.

RA – No início de nossa entrevista, o Sr. falou em uma entidade que está coletando a memória histórica dos Governos brasileiros. A este respeito, neste fecho de entrevista, qual a mensagem que o Sr. quer deixar?

NM - Eu acho que, a exemplo do que está fazendo a Fundação Getulio Vargas com o Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil, nós devíamos criar um Centro de Pesquisas e Documentação da História da Força Aérea e, no momento, isto é muito oportuno e urgente. Porque ainda temos alguns pioneiros que precisam contar como era aquela vida que se levava no Campo dos Afonsos, antes da criação da Aviação Militar. Então estes pouquíssimos elementos que ainda estão vivos, com boa memória, poderiam prestar inestimáveis narrativas de coisas que até eu desconheço. Eu entrei no Campo dos Afonsos em 29, mas nós temos o Brig. Borges, que entrou em 24/25, e tem outros que se recordam destes tempos e que têm grandes histórias de como nasceu esta aviação no Brasil. Isto tem de ser feito antes que eles morram. Pois eles têm poucos anos de vida. Nós vamos deixar gravado para os nossos netos, para eles saberem como começou esta Força Aérea que hoje pode se orgulhar de ser uma Força Aérea bem organizada, bem estruturada e bem instituída.



Nero Moura em uma das reuniões em sua residência.



#### **CAUSA REMOTA (MEDIATA)**

A Intentona Comunista de 1935.

Esse hediondo episódio de nossa história pode ser sintetizado por duas palavras: traição e covardia. O comunismo, após o "intento diabólico" de novembro de 1935, passou a ser ampla e profundamente repudiado pelos integrantes do Exército brasileiro.

Não considero o "Tenentismo", como querem muitos, uma das causas remotas do Movimento, apesar do patriotismo e do idealismo ("regeneração da Pátria") de jovens oficiais tais como Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes e outros, que participaram ativamente da Revolução de 1964. É que houve uma ofensa violenta à hierarquia e à disciplina, quando vitoriosa a Revolução de 1930, ocasião em que os "Tenentes" passaram a chefiar superiores hierárquicos, por conta das funções que exerceram, como as de interventores em vários estados. Um dos objetivos da Revolução de 1964 era, em especial, a restauração da disciplina e da hierarquia, fortemente violentadas...

#### PRINCIPAIS CAUSAS RECENTES (IMEDIATAS)

#### a) A renúncia de Jânio Quadros

O Presidente Jânio Quadros renunciou ao mandato em 25 de agosto de 1961. Tal atitude ocasionou uma grave crise político-militar, posto que os Ministros Militares eram contrários à posse do Vice-Presidente João Goulart.

O regime parlamentarista foi a solução encontrada para se evitar uma guerra civil.

Em janeiro de 1963, realizado um plebiscito, João Goulart assume, plenamente, os poderes presidenciais, iniciando-se um perigoso período de instabilidade política, de inflação galopante, de agitações no campo, nas cidades, nos meios estudantil. político, sindical e militar, de constantes e programadas greves de cunho ideológico etc.

Diga-se que o estado de caos daguela época teve o total repúdio da imprensa, do clero, de grande parte do Congresso Nacional, da imensa maioria da população ordeira e laboriosa e das Forças Armadas – à exceção de uma minoria atrelada ao fictício "dispositivo militar" do Governo Federal.

#### b) A fundação, em maio de 1962, da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB)

A criação desta entidade, de cariz esquerdista, ocorreu à revelia dos regulamentos militares, dando início a um nocivo "sindicalismo militar", assaz pernicioso às Instituições Militares.

#### c) A revolta dos Sargentos em Brasília

Em 12 de setembro de 1963, ocorreu uma rebelião em Brasília-DF, desencadeada por Sargentos da Marinha e da Aeronáutica e motivada por uma decisão do Supremo Tribunal Federal, que considerou ilegal a elegibilidade das Praças. Diga-se que, estranhamente, naquele dia, o Presidente da República ausentara-se da Capital Federal, só regressando depois de debelada a revolta.

#### d) O comício de 13 de março de 1964

Em 13 de março de 1964, realizou-se, na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, um monumental comício, com a presença do Presidente da República, de vários Ministros (inclusive o da Guerra) e de gradas autoridades da Nação. Foram prometidas as reformas. "na lei ou na marra", e pronunciados diversos e incendiários discursos que pregavam a desobediência civil, a luta de classes, a subversão em todas as expressões do Poder Nacional etc.

#### e) A circular reservada do chefe do EME, General de Exército Humberto de Alencar Castello Branco, datada de 20 de março de 1964

Nesta circular, o chefe do EME prevenia seus subordinados para o acelerado processo de instauração de uma "Constituinte como caminho para a consecução das reformas de base e o desenvolvimento em maior escala de agitações generalizadas do ilegal poder do CGT". Advertia que "as Forcas Armadas são invocadas em apoio a tais propósitos". E, adiante: "A ambicionada Constituinte é um objetivo revolucionário pela violência com o fechamento do atual Congresso e a instituição de uma ditadura. A insurreição é um recurso legítimo do povo".

E mais à frente: "Entraram as Forças Armadas numa revolução para entregar o Brasil a um grupo que quer dominá-lo para mandar e desmandar e mesmo para gozar o poder? Para garantir a plenitude do grupamento pseudo-sindical, cuja cúpula vive na agitação subversiva cada vez mais onerosa aos cofres públicos? Para talvez submeter a nação ao comunismo de Moscou? Isto, sim, é que seria antipátria, antinação e antipovo."

Como se observa, o General Castello Branco já vislumbrava uma iminente revolução comunossindicalista, pelo que são muito coerentes as afirmações de que a "Revolução de 31 de março de 1964" (o termo "revolução", usado pelo jurista Francisco Campos, na caracterização do Movimento de 1964, era necessário, juridicamente, como veremos) foi, na realidade, uma "Contrarrevolução".

O Coronel Jarbas Passarinho, em magistral artigo de título "A História Revisada", no Correio Braziliense, de 3 de abril de 2001, afirma: "O 31 de março foi uma contra-revolução, maciçamente apoiada pela sociedade civil, a imprensa à testa, o Congresso por sua ampla maioria, a Igreja igualmente".

#### f) O manifesto "Sentinelas Alertas"

Em 22 de março de 1964, a imprensa publicou um manifesto de 72 generais da reserva aos seus irmãos de armas, de título "Sentinelas Alertas", em que os signatários alertavam a nação e as Forças Armadas quanto às ações ilegais do Presidente da República, que extrapolava os "limites da lei" (esta expressão era da Constituição de 1946, como comentaremos depois), e estimulava a inversão de valores no meio militar.

#### q) 0 motim dos marinheiros

Em 25 de março de 1964, 1.400 sócios da já mencionada Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) amotinaram-se na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, no Rio

de Janeiro, gritando palavras de ordem e dando vivas a João Goulart e ao Almirante Aragão (Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais). Os insurretos exigiam o reconhecimento da ilegal AMFNB; a anulação das punições impostas aos membros da diretoria da dita associação: a imediata substituição do Ministro da Marinha: a modificação de regulamentos militares; a elegibilidade das Praças das Forças Armadas; o aumento de vencimentos etc.

O Ministro da Marinha determinou, em 26 de março, que um contingente de Fuzileiros Navais cercasse os sublevados e os prendesse. Tal contingente se insubordina, abandona as armas em via pública e adere aos amotinados.

O Ministro da Marinha se demite e o Presidente da República nomeia para o Ministério o Almirante da Reserva Paulo Mário, notoriamente esquerdista, e reconduz o Almirante Aragão para o Corpo de Fuzileiros Navais.

Na tarde de 27 de março, a marujada passa a comemorar as vitórias obtidas, deixa o sindicato e sai em passeata pelas ruas, carregando nos braços o Almirante Aragão – ele, fardado.

Em vista da perturbação da ordem, foram determinados o cerco e a prisão dos insurgentes, executados pelo Exército.

#### h) A reunião do Clube Naval

Em 29 de março de 1964, centenas de oficiais da Marinha se reuniram no Clube Naval, no Rio de Janeiro, declarando-se contrários à "destruição da Marinha e das Forças Armadas pela quebra da disciplina e da hierarquia". A reunião redundou em um manifesto ao povo brasileiro, da parte de 1.500 oficiais daquela Força, em que afirmavam "ter chegado a hora de o Brasil defender-se". A imprensa apoiou o manifesto, que teve grande repercussão no Congresso Nacional e nas duas outras Forças.

#### i) A reunião no Automóvel Clube

Em 30 de março de 1964, realizou-se uma megarreunião com o Presidente da República no Automóvel Clube do Rio de Janeiro, que congregou cerca de 2.000 militares (a maioria Praças) das Forças Armadas e das Polícias Militares, com a destacada presença do Almirante Aragão. Como ocorrera no comício da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, vários oradores usaram da palayra, inclusive o Presidente da República, proferindo discursos inflamados e atentatórios a princípios basilares das Forças Armadas, em defesa do "sindicalismo militar", das "reformas de base" etc., com ameaças de sérias "represálias do povo" aos opositores dessas reivindicações. A televisão mostrou "ao vivo" aquelas cenas deploráveis. Era a gota d'água que faltava... Quem as viu pôde sentir, sem dúvidas, que estava próxima a deposição de João Goulart. De fato, no dia seguinte, o "Destacamento Tiradentes", de Minas Gerais, deslocava-se para o Rio de Janeiro...

#### j) As "Marchas da Família com Deus e pela Liberdade"

Foram manifestações espontâneas, ocorridas nas principais capitais do País. Era o povo nas ruas, aos milhares (em especial as mulheres, portando terços, imagens, velas, faixas etc.) em um protesto cristão e democrático contra o que se passava no Brasil do início dos anos 60 do século passado. Tais marchas, de fortíssimo conteúdo emocional, muito influíram para o desencadeamento da Revolução de 1964.

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES JURÍDICAS POUCO LEMBRADAS**

#### a) O porquê do termo "Revolução"

1) Houve necessidade de se caracterizar o Movimento como de natureza revolucionária (implantação de uma nova ordem), tendo em vista o imprescindível respaldo jurídico para a investidura no exercício do Poder Constitucional.

2) O renomado jurista Francisco Campos foi o principal redator do Ato Institucional nº 1 e, neste documento que passou à história política do Brasil, usou o termo "revolução". Vejamos o preâmbulo do ato: "É indispensável fixar o conceito do movimento civil e militar que acaba de abrir no Brasil uma nova perspectiva sobre seu futuro. O que houve e continuará a haver neste momento, não só no espírito e no comportamento das classes armadas. como na opinião pública nacional, é uma autêntica revolução". No texto do precitado Al-1, encontra-se o seguinte: "Assim, a revolução vitoriosa, como Poder Constituinte, se legitima por si mesma. Ela edita normas jurídicas, sem que nisto esteja limitada pela normatividade anterior à sua vitória". Ainda no preâmbulo do ato ficou expresso: "Fica, assim, bem claro, que a Revolução não procura legitimar-se através do Congresso. Este é que recebe deste Ato Institucional, resultante do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções, a sua legitimação".

3) Sob tais fundamentos, o Comando Supremo da Revolução manteve a Constituição Federal de 1946, com algumas modificações, e o Congresso Nacional.

Eis, portanto, o principal motivo por que o movimento civil e militar de 1964 – para usarmos expressão insculpida no Ato Institucional nº 1 – é considerado uma "revolução".

4) Repita-se o que já consignamos anteriormente. A Revolução de 31 de março foi uma reação a uma muito provável e iminente revolução comunos-sindicalista (como alertou à Nação, em 20 de março de 1964, o inesquecível General Castello Branco). Destarte, o histórico Movimento de 1964 pode ser tido, com muita propriedade, como uma revolução oposta a outra revolução, de cunho ideológico e sectário, que estava em avançado andamento. Uma "contrarrevolução", como hoje afirmam vários estudiosos do assunto, o Coronel Jarbas Passarinho, o mais gigante deles.

#### b) A infringência da ordem jurídica pelo Presidente da República

1) Quando da deflagração da Revolução de 1964, estava em vigor a Constituição de 1946 (CF/1946).

A nossa Lex Legum de então continha preceitos muito claros e que foram indubitavelmente infringidos pelo Primeiro Mandatário da Nação e por gradas autoridades da República. Tal fato implicou, entre outras deletérias consequências, o solapamento dos princípios da autoridade, da disciplina e da hierarquia, em vários escalões da administração pública e máxime nas Forças Armadas. como poderemos demonstrar.

2) Tais preceitos constavam da CF/1946. O parágrafo único do artigo 83 explicitava o compromisso do Presidente da República no ato da posse: "Prometo manter, defender e cumprir a Constituição da República e observar as suas leis". O artigo 176 primava por sua clareza: "As Forças Armadas, constituídas essencialmente pelo Exército, Marinha e Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República e dentro dos limites da Lei".

O artigo 177 também era bastante cristalino: "Destinam-se as Forças Armadas a defender a Pátria e a garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem".

Ora: se o Presidente, ao pregar abertamente a quebra da constitucionalidade e a subversão, estimulando a luta de classes nas Forças Armadas, com flagrante ofensa, torna a frisar, à hierarquia e à disciplina (comício de 13 de março de 1964, apoio a marujos sublevados e reunião de confraternização com sargentos das Forças Armadas e das Polícias Militares, em 30 de março de 1964), agia fora dos "limites da lei" (ver artigo 176, da CF/1946), em frontal testilha com as normas constitucionais, normas essas que as Forças Armadas eram obrigadas a garantir (artigo 177, CF/1946).

Daí o General Castello Branco ter alertado, repita-se, em 20 de março de 1964: "A insurreição é um recurso legítimo do povo".

3) E mais: o Estatuto dos Militares e o Código Penal Militar, vigentes à época, impunham ao militar a obrigação do cumprimento de ordens, tão somente se elas fossem estritamente legais. Vejamos:

a) O Estatuto dos Militares (Decreto-Lei nº 9.698, de 2 de setembro de 1946) prescrevia, in verbis:

Art. 31. Cabe aos militares a responsabilidade integral das decisões que tomam ou dos atos que praticam, inclusive na execução das missões e ordens por eles taxativamente determinadas.

Parágrafo único. No cumprimento de ordem emanada de autoridade superior, o executante não fica exonerado de responsabilidade prática de qualquer crime.

b) O Código Penal Militar – CPM (Decreto-Lei nº 6.227, de 24 de janeiro de 1944) asseverava, ipsis litteris, em seu artigo 28 e § 1º:

Art. 28. Se o crime é cometido sob coação irresistível ou em estrita obediência à ordem de superior hierárquico, em matéria de serviço, só é punível o autor da coação ou da ordem.

§ 1º Se a ordem do superior tem por objeto a prática de ato manifestamente criminoso, ou há excesso nos atos ou na forma da execução, é punível também o inferior.

Do exposto, conclui-se que aos militares era defeso, sob pena de cometerem crime, o cumprimento de ordens flagrantemente atentatórias à lei e à ordem, que pusessem em risco, por exemplo, a autoridade, a disciplina e a hierarquia, pilares constitucionais das Forças Armadas. Tais ordens eram dadas, costumeiramente, pela cúpula do chamado "dispositivo militar" do governo deposto em 1964. Não foram cumpridas pela imensa maioria das tropas enviadas para barrar, em 31 de março de 1964, os deslocamentos da 4ª Divisão de Infantaria (Minas Gerais) e do Il Exército (São Paulo) na direção da cidade do Rio de Janeiro... Tudo de acordo com os ditames da CF/1946, do Estatuto dos Militares e do CPM.



O povo paulista, que, uma semana antes da eclosão do movimento, havia saído às ruas para promover a memorável Marcha da Família.

#### **APRECIAÇÕES FINAIS**

A finalidade deste despretensioso texto foi a de apresentar, de escantilhão, algumas considerações pouco abordadas acerca do vitorioso Movimento de 31 de março de 1964, tais como as de cunho jurídico-constitucionais.

Em apertada síntese, pode-se afirmar que a Revolução Brasileira de 31 de março 1964 foi, basicamente, uma reação inevitável do povo contra os propósitos antidemocráticos do Governo João Goulart para a implantação de uma "República Sindicalista" com forte viés comunista. Mas, principalmente, foi uma reação de autodefesa das Forças Armadas contra a sua manifesta destruição, em vista de constantes e criminosos (por isso, inadmissíveis!) atentados à disciplina e à hierarquia, fundamentos de quaisquer Instituições Militares, em qualquer lugar do mundo. Era evidente que as altivas, gloriosas e invictas Forças Armadas brasileiras não tinham - como não têm - a vocação de monges bizantinos, que cavam discutindo "sexo dos anjos", enquanto os seus inimigos atacavam Bizâncio; assim, não iriam deixar-se abater, como indefesos cordeiros...

Alguns conceitos são paradigmáticos e imutáveis para os militares, em que pese o sabor da época, e deveriam ser bem compreendidos pela sociedade. O acatamento à disciplina e à hierarquia é um verdadeiro totem para a classe militar que, apesar de ser uma só, é estratificada em vários círculos hierárquicos.

Aprende-se nas casernas e nas escolas militares que a profissão militar é um sacerdócio. Aprende-se, outrossim, a obedecer: no pátio da Academia Militar das Agulhas Negras é exibida, há mais de 60 anos, uma frase lapidar: "Cadete: ides comandar, aprendei a obedecer".

Os verdadeiros soldados pautam a sua conduta por princípios fundamentais, como a honra, o dever, a lealdade, a disciplina, a hierarquia e o patriotismo. A esse respeito, convém relembrar os sábios ensinamentos de Santo Tomás de Aquino, o "Doutor Angélico", ao condenar a inveja e o igualitarismo e ao se referir à obediência devida aos superiores por parte dos subordinados, à hierarquia, enfim:

É mais merecedor o Mestre, que sabe para si e para transmitir, do que o discípulo mais capaz de aprender; aquele que projeta, do que artífice mais capaz de executar; o capitão que traça os planos do que o soldado mais afoito que o segue. É maior, portanto, o mérito do bom e justo Chefe do que o de seus subordinados mais aptos; e maiores hão de ser os seus merecimentos e crescerá a sua recompensa, pois o Chefe é o Mestre dos seus súditos, o arquiteto dos grandes planos e o Capitão das grandes pelejas...

#### **CONCLUSÃO**

Passaram-se os anos. Houve erros, evidentemente, durante os governos revolucionários, talvez o maior deles, a perda da "batalha da comunicação social".

Tais erros merecem ser perquiridos e criticados, mas não de forma arrasadora. É importante e necessário o revisionismo histórico, isento, fidedigno, amoral no sentido sociológico-olímpico, distanciado das paixões, para que historiadores, pesquisadores, sociólogos e outros cientistas sociais possam realizar uma análise correta da História.

Quanto à Revolução de 1964, é imperioso que se ressalte o fato de que, após os governos dos cinco Generais, o Brasil ficou aparelhado, mormente em sua infraestrutura econômica (energia, transportes e telecomunicações), para dar o grande salto de qualidade, o que, desafortunadamente, não ocorreu... Éramos a 43ª economia mundial em 1964 e, ao término do ciclo dos governos linhas atrás referidos, alcançamos o patamar de 8ª economia do mundo! Porém, a análise daquele período foge ao escopo deste trabalho.

Nos dias de hoje, com o fim da bipolaridade e a queda do Muro de Berlim, somos de parecer que deve ser exacerbado o sentimento de patriotismo, de brasilidade. Tal sentimento deveria pairar acima dos partidarismos e das ideologias e servir de motivação, em particular para a juventude de nosso País.

É consabida, hodiernamente, a existência da cobiça internacional sobre a Amazônia brasileira e a Base Aérea de Alcântara-MA (base, aliás, localizada na "Amazônia Legal Brasileira").

Por isso, a nossa Amazônia deve ser muito bem guardada e defendida, por meio, inclusive, da estratégia dissuasória da "resistência", estudada pelo Exército Brasileiro, já faz 10 anos.

Também, nesse preocupante cenário, não nos esqueçamos da "Amazônia Azul", feliz expressão consagrada pelo atual Comandante da Marinha, para caracterizar o aumento do espaço marítimo e econômico brasileiro com a recente e grande expansão da "Zona Econômica Exclusiva" (ZEE), que, somada à plataforma continental, totalizará uma extensão de 4,2 milhões de km2 (!), ou seja, cerca de metade do vasto território nacional (uma outra "Amazônia", não "Verde", mas "Azul").

Esse desiderato com relação à Amazônia Brasileira somente será atingido quando muito robustas forem a vontade nacional e a coesão dos brasileiros, ultrapassadas as mazelas e sequelas que nos dividiram nos idos dos anos 60 do século passado. Utopia? Claro que não, pois quem estudou com percuciência o caráter nacional conhece a generosidade da "alma brasileira".

Fato digno de nota foi a edição recente, pela Biblioteca do Exército, do "Projeto História Oral do Exército", a respeito da Revolução de 31 de março de 1964. Já foram publicados 12 tomos, estando mais dois no prelo. É a Força Terrestre preservando a sua história, os seus valores, as suas tradições.

Aduza-se, por derradeiro, que a Revolução (ou Contrarrevolução) de 1964 é um fato histórico que não deveria ser deturpado, como sói acontecer na atualidade, porquanto História é verdade e justiça.

Que os seus ensinamentos sirvam para fortalecer a nossa união, pois, se nos desaviermos de forma inapelável, disso se valerá a cobiça internacional, hoje uma triste realidade sobre este nosso "país tropical, abençoado por Deus"...

## HISTÓRICO DA CRIAÇÃO DA CONFRARIA DOS ESPECIALISTAS DA AERONÁUTICA

Cleophas de Azevedo Anastácio

Ten Cel Esp Foto

cleophasanastacio@gmail.com

com grande satisfação que apresentamos o perfil de um dos mais ilustres membros da Força Aérea Brasileira e atual presidente da Confraria dos Especialistas da Aeronáutica, o Major João Rodrigues Filho, nascido em 22 de julho de 1923. Sua dedicação e amor à Aeronáutica começaram cedo, quando ingressou na Força Aérea, em 1942. Destacando-se desde os primeiros anos, ele concluiu sua formação na 3ª Turma da Escola de Especialistas da Aeronáutica, em 1944, na especialidade de QAV. Um marco em sua carreira foi sua participação no 1º Grupo de Caca (Senta a Pua) durante a Segunda Guerra Mundial em ação na Itália, onde demonstrou bravura e habilidade em suas missões. Sua dedicação e destreza o levaram a atingir o oficialato em 08 de abril de 1964, alcançando o posto de MAJ ESP QAV, que ostenta com honra até os dias atuais. Além de suas realizações na Força Aérea, o Major Rodrigues também é reconhecido por suas contribuições à confraternização entre os especialistas da Aeronáutica. Em 2000, ele criou o almoço dos integrantes da 3ª Turma da Escola de Especialistas da Aeronáutica, que inicialmente ocorria somente nas segundas quintas-feiras de cada mês. No entanto, devido à baixa frequência dos participantes, o Major Rodrigues decidiu abrir o convite para todas as turmas. Em 2015, o grupo já havia crescido consideravelmente, contando com a presença dos integrantes das turmas oriundas da EEAer, da ETAV e da EEAR. Esse encontro mensal consolidou-se como

um momento de confraternização e troca de experiências entre os especialistas da Aeronáutica.

Com o consentimento do criador do almoço, um grupo formado por Alex Freitas, Jorge Schubert, Castro e Flavio de Souza decidiu, em 8 de fevereiro de 2018, criar a Confraria dos Especialistas da Aeronáutica, elegendo o próprio Major Rodrigues como presidente desse importante grupo de componentes oriundos da Força Aérea Brasileira.

Em abril de 2019, o CECOMSAER reconheceu a existência da Confraria e, atendendo a um pedido, passou a enviar publicações aeronáuticas mensais para serem distribuídas aos confrades. Essa conquista fortaleceu ainda mais os laços entre os especialistas da Aeronáutica e trouxe maior acesso a informações relevantes para o grupo.

Com uma trajetória repleta de vitórias e realizações, o Major Rodrigues se tornou um exemplo de dedicação e amor à Aeronáutica. Sua liderança como presidente da Confraria dos Especialistas da Aeronáutica é marcada por sua determinação em promover a união e o crescimento do grupo, buscando sempre fortalecer os laços que os unem.

Os componentes da Confraria parabenizam o Major Rodrigues por sua contribuição incansável e por sua liderança inspiradora. Sua história é um verdadeiro exemplo de comprometimento e superação, que certamente inspirará as futuras gerações de especialistas da Aeronáutica. Que essa trajetória de sucesso e dedicação continue a inspirar a todos nós!



# "VENTURA" LOCKHED PV-1

Magalhães Motta (em memória) Brig Ar

Dois B-34 Ventura da FAB em voo.



#### **INTRODUÇÃO**

ste texto, além de tratar da restauração do avião, procura dar uma ideia do que foi o 1º Grupo de "Venturas"/1º GBM. Por ter sido a primeira unidade de combate da FAB. organizada e treinada nos moldes empregados pelos países em querra, merece um destaque especial.

Desde os primórdios do Ministério da Aeronáutica, 1941, a FAB se restringia a voar as aeronaves de que dispunha e, assim mesmo, sem delas obter o rendimento que podiam dar.

Os aviões eram mais modernos e mais bem equipados do que os herdados das aviações da Marinha e do Exército, mas o treinamento das equipagens ia pouco além de saber voá-los.

#### O DIVISOR DE ÁGUAS

Após o Grupo de "Venturas", tudo mudou.

A parte teórico-técnica da aeronave foi dissecada em seus mínimos detalhes.

A instrução de voo levou à exploração de todo o envelope operacional, permitindo que as equipagens operassem o material da melhor maneira possível, com segurança e em quaisquer condições de tempo.

A parte teórica do emprego operacional foi tratada de acordo com o que de moderno existia.

O emprego das armas, metralhadoras e bombas, foi objeto de exercícios práticos por todos os membros das equipagens.

Para finalizar, exercícios com a Esquadra Brasileira (submarinos e corvetas) permitiram uma visualização do que seria o dia a dia da unidade em operação.

Durante pouco mais de um ano, a unidade operou em condições reais, consolidou sua doutrina e adquiriu elevado grau de autoconfiança.

Voando lado a lado com três unidades da Marinha Americana com o mesmo equipamento, cumprindo missões semelhantes e nas mesmas condições, o agora 1º GBM havia atingido excelente grau de operacionalidade.

#### **DIFUSÃO DE UMA DOUTRINA**

Já no final da guerra, o treinamento e a doutrina do 1º GBM começaram a ser difundidos para outras unidades aéreas.

O 2º GBM (Salvador) iria receber aviões LOCKHEED PV-2 "HARPOON"; foi determinada ao 1º GBM a montagem, em Recife, de um curso para primeiros pilotos de patrulha, idêntico ao USBATU.

O curso foi iniciado em 15 de abril de 1945, e terminou em 30 de maio do mesmo ano, após o fim da guerra.

Foram treinados:

- Oficiais da ativa6
- Oficiais da reserva 3

Total: 9

O Grupo de Fortaleza (4º GBM), que operava o LOCKHEED A-28A "HUDSON", deslocou-se para Recife, e, durante o mesmo período, de 15 de abril a 30 de maio, orientado e treinado por oficiais do 2° GBM, formados originalmente no USBATU de VENTURA, cumpriu programa semelhante, adaptado ao material que operavam.

- Oficiais da Ativa
- Oficial do Quad-Aux 1
- Oficiais da Reserva 5

Total: 12

Os oficiais treinados transmitiram às demais equipagens o treinamento recebido.

No 1º Grupo Misto de Instrução (Futuro 5 GBM – Natal), dotado de aeronaves NORTH AMERICAN B-25J, foi organizado curso semelhante aos dois anteriores, orientado e coordenado por dois componentes do 1º GBM, passados à disposição para esse fim. Início em 1º de agosto de 1945, com término no final de setembro. Todas as equipagens foram submetidas ao treinamento.

Com isso, as quatro bases da 2ª Zona Aérea passaram a operar de modo padronizado, embora com aeronaves diferentes.

Nos anos seguintes, com a transferência dos oficiais para outras unidades e órgãos da FAB, muito dessa doutrina foi sendo difundido.

Em especial, o Transporte foi beneficiado. Subordinados à então DR (Diretoria de Rotas Aéreas), os 1º e 2º Grupos de Transporte, dotados de aeronaves DOUGLAS C-47, tiveram sua instrução chefiada e coordenada por dois ex-componentes do 1º GBM. Vários de seus instrutores eram originários dos Ventura.

Montado um curso de padronização, todos os comandantes de aeronave foram submetidos a intenso programa de instrução.

Esse programa funcionou durante mais de 10 anos e foi transferido com as necessárias adaptações, para as novas aeronaves que foram sendo recebidas até os dias de hoje.

#### A RESTAURAÇÃO

Os trabalhos de restauração da aeronave LOCKHEED PV-1 VENTURA, além de demorados, exigiram permanente pesquisa a fontes de informação das mais diversas.

O avião é grande e complexo, possui número elevado de sistemas, cada um dispondo de muitos instrumentos e equipamentos.

A procura por peças foi uma constante ao longo de todo o período; muitas tiveram de ser confeccionadas, por não mais existirem.

A falta de pessoal que, no passado, houvesse trabalhado com o material, foi outro fator complicador.

O resultado final é bastante bom, com exceção do interior; faltam as mesas de navegação e do rádio operador, assim como quase todos os equipamentos de rádio.

A exceção é fruto de não haver sido possível obter informações confiáveis, sejam fotografias, sejam ordens técnicas.

O radar foi o equipamento do qual não foi possível obter uma réplica. A parte de armamento foi toda recomposta.

Externamente, o avião se apresenta como era no dia em que a FAB recebeu seu Grupo.

#### **LOCKHEED-VEGA PV-1 "VENTURA"**

A Segunda Guerra Mundial caminhava para seu auge, e os Estados Unidos precisavam patrulhar os mares. Não só os que lhes molhavam as costas, mas os que envolviam o Extremo Oriente, a Europa, a África e a América do Sul.

Muitas eram as aeronaves desempenhando essa função:

- CATALINA PBY-5/5 A.
- CONSOLIDATED PB4Y-2.
- MARTIN "MARINER" PBM.
- BLIMPS.

A USNAVY (Marinha dos Estados Unidos) os espalhou do Amapá ao Rio de Janeiro.

Faltava um avião que fosse veloz, baseado em terra, bem armado, com grande capacidade de carga mortífera, boa autonomia, equipado com o que havia de moderno na época (radar e rádio altímetro) e que pudesse entrar em produção rapidamente.

A LOCKHEED já produzia o LOCKHEED "HUDSON", bimotor, versão militar de seu modelo 14; era usado pela Inglaterra no Canal da Mancha e outros mares que a cercam. O Brasil, desde o final de 1942, possuía 28 exemplares, espalhados ao longo de nossa costa.

A conversão do LODESTAR, modelo 18, versão expandida do modelo 14, era uma solução rápida, lógica, e sua estrutura oferecia grandes possibilidades.

- Instalaram-lhe duas metralhadoras fixas BROWNING .50 no nariz.
- Uma janela aberta na parte inferior da cauda deu-lhe lugar para duas metralhadoras móveis BROWNING .30.
- Seu ventre foi aberto e transformado em bomb-bay, capaz de transportar seis bombas de profundidade de 325lbs cada uma ou dois torpedos Mk 13.
- Sob suas asas, quatro trilhos lança-foguetes, HVAR 5" de cada lado.
- Como em certas áreas houvesse reação aérea inimiga, sua parte superior da fuselagem foi aberta, e nela instalada uma torre móvel MARTIN, com duas metralhadoras BROWNING .50.
- Sua capacidade interna de combustível, para alimentar os novos motores, foi ampliada com mais tanques nas asas.
- Devido à vastidão das áreas marítimas a serem cobertas, cada asa recebeu um suporte para tanque de 165 galões que, alternativamente, podiam levar bombas de até 1.000lbs.
- Para que tudo isso fosse aos ares, deram-lhe dois motores PRATT & WHITNEY R-2800-31, de 2.000HP cada um.
  - Suas asas foram reforçadas, bem como seu trem de pouso.
- Por faltarem-lhe olhos, deram-lhe o "radar" mais potente e moderno da época, com repetidora para o piloto.
- Um rádio altímetro, com uma antena sob cada asa, permitia voo e ataque sobre o mar, a alturas muito pequenas – 100 pés – e com baixa visibilidade .
- Era preciso saber sua posição a qualquer momento, mesmo onde não houvesse qualquer auxílio de terra; deram-lhe uma

mesa de navegação, derivômetro, uma cúpula transparente (Astrodome), sextante e tábuas de navegação astronômica. Ele dispunha de um rádio goniômetro.

Seu peso máximo era, agora, 35.000lbs.

O avião ficou muito veloz, embora capaz de, em regime econômico, cruzar a apenas 145 nós indicados, o que lhe permitia longos períodos de cobertura de comboio ou de área.

Para minimizar o risco da artilharia antiaérea inimiga, seu ataque a metralhadoras, foguetes e lançamento de bombas era feito a mais de 200 nós indicados.

O resultado de tudo isso foi um avião extremamente versátil que, além de patrulha, teve várias outras versões e utilização:

- Bombardeio médio B-34.
- Usado pelo USAAC (Corpo Aéreo do Exército dos Estados Unidos).
  - Caça noturno (USAAC e USNAVY).
- -- Ataque rasante a objetivos de superfície, inclusive navios e barcaças (USNAVY).

A Marinha dos Estados Unidos (USNAVY) destacou um esquadrão em Fortaleza, um em Natal, um em Recife e um em Salvador. A dotação de cada um era de 12 aviões.

Para nós, FAB, os mais importantes foram:

- O VB-145 que, em Natal, cedeu três de seus aviões para nossa instrução, durante cinco meses, permitindo a formação e a ativação de um esquadrão, nos melhores padrões aceitos na época.
- O VB-143, sediado em Recife, por nós substituído em 30 de março de 1944, transferindo-nos a responsabilidade pela área delimitada pelos paralelos que passam por João Pessoa (PB) e Foz do Rio São Francisco (AL).

Os outros dois, o de Fortaleza (VB-130), e o de Salvador (VB-141), deram-nos a oportunidade de ter nossas equipagens em operação real enquanto nossa unidade não era a ativada.

- Os 14 aviões que recebemos eram do modelo PV1-5, saídos da linha de montagem e o último modelo produzido.



2º Ten Av J. Eduardo M. Mota – USBATU 20.

## **A CORAGEM**

#### do "OLHE E ENXERGUE" e do "OUÇA E ESCUTE"

Alfredo Severo Luzardo

Cel Av

luzardo.as@terra.com.br

Olhe e enxergue, se estiver inadequado, não estiver de acordo e puder ser melhorado, não se omita, melhore, corrija!

Mas se for bom, importante, útil e honesto, aproveite e copie, pois, só assim, você melhorará a FAB, a si e a todos" (Cap João Jorge Macieira GAIO-1964).

Como 2º Ten, tive o Cap. Gaio como Comandante do 1º/1º Gp. Av. Ca., infelizmente, falecido prematuramente, mas que me deixou esta lição: "saber olhar" – nunca esquecida e que muito me marcou. Sempre procurei me espelhar nela. **Serve para tudo na vida**!

Hoje ouso expor um trecho das minhas reflexões ao deixar o serviço ativo da FAB, em 1993, que me traz à memória muito desse ensinamento:

Torço pela *Força Aérea* e pelos companheiros que querem vê-la, no mínimo, digna. Torço pela coragem, pela fé e pelo idealismo dos jovens porque serão eles que darão continuidade ao espírito combatente necessário para mantê-la de cabeça erguida, e a pátria, respeitada. Admiro os que têm a coragem de saber enfrentar as adversidades não só com sabedoria, mas também com determinação. Admiro os companheiros que ousam criar, realizar, inovar ou racionalizar aquilo que tem de ser melhorado. Admiro os entusiastas, os perseverantes e os idealistas. Admiro os que são leais à *Força Aérea* e à *Pátria* e, portanto, sabem que também devem lealdade àqueles que igualmente são leais a elas, e só àqueles. Sempre lamentei os cautelosos demais, a cautela em demasia não leva ninguém à vitória, pois esses muito cautelosos, por não ousarem ou se arriscarem, nunca serão responsáveis

por algum ato, jamais errarão... Pois jamais terão a coragem de enfrentar ou realizar qualquer coisa, apenas terão para si uma falsa sensação do dever cumprido — são como Pilatos... tenho pena dos mesquinhos que, por não terem **visão**, ou por comodismo, impedem o progresso. Repudio os subservientes e os que fizeram ou fazem da *Força Aérea* (ou da *Pátria*) instrumento de seus apetites pessoais, pois eles não têm caráter, são imorais, fracos e indignos. Admiro muito os que se dedicam inteiramente ao serviço da *Pátria* e não ao serviço dos "homens".

Ao acrescentar "ouça e escute", percebi que não é só "olhe e enxergue"!

Vivenciamos uma tecnologia avançada, onde os novos meios de comunicação de massa estão à disposição de todos, e na velocidade da luz! A influência só do "ouvir", por vezes, não nos dá tempo para uma melhor reflexão. Eis que surge um novo perigo no mundo atual: a afirmação é correta, verdadeira ou manipulada? Precisamos de tempo para "escutar"! Com a "mídia" patrocinada, muitas vezes, narrativas aparentemente convincentes, colocadas por pessoas iníquas, confundem os ingênuos e os indiferentes, que terminam aceitando falsas "realidades".

O momento atual exige ser "olhado e enxergado", "ouvido e escutado", para que possamos ter "coragem" de separar "o correto do errado, e os bons dos ímpios"! Não se omitam! Saibam diferenciar! Corrijam!

Os dizeres da bandeira do Brasil nos indicam o rumo correto: "ordem e progresso"! Mas, sem justiça, que é o baluarte de uma democracia, nunca teremos a oportunidade de honrá-la!



## UM OLHAR BRASILEIRO SOBRE O EGITO DAS PIRÂMIDES E DO NILO

Israel Blajberg iblaj@hotmail.com

m dia, os Faraós dominaram aquela terra desértica, ao longo de inúmeras dinastias. O Egito de hoje incorporou a civilização árabe-maometana, mas é visível por toda parte que a herança dos tempos dos faraós permanece viva, nos museus e nas representações pictóricas que o visitante, logo ao desembarcar, percebe no grande e moderno aeroporto. Já no caminho para o centro, é possível avaliar o valor atribuído a essa história, pelos cartazes e pelas obras escultóricas presentes ao longo da avenida, onde se situam inúmeras instalações militares, com destaque para a Academia Militar, o Colégio Militar Tecnológico, o Museu da Força Aérea e o Conjunto Panorama da Guerra de Outubro, recordando a Guerra do Yom Kippur, cujos 50 anos transcorreram em 06 de outubro de 2023. Junto às lembranças dos tempos dos faraós, na mesma avenida, há cartazes com a imagem do Presidente General Ibrahim El-Sissi sorridente, desejando boas-vindas aos visitantes.

As primeiras impressões remetem ao calor intenso, ao sol escaldante, ao trânsito que faz o do Rio de Janeiro parecer muito bem comportado, e à forte presença da polícia e do exército nas ruas. Mais adiante, a convivência nos revela que os egípcios são atenciosos, as comidas muito variadas e exóticas, algumas já conhecidas dos restaurantes árabes cariocas, e os vendedores são persistentes e fazem de tudo para não perder o cliente, então, apresentam pequenas aulas sobre seus produtos, como papiros, perfumes, alabastro e outras mercadorias típicas, sempre oferecendo chás, bebidas, e amostras. Os preços negociados podem cair até a um terço do valor inicial, nessa cultura peculiar em que raras vezes se observam etiquetas de preço nas mercadorias. Os profissionais, como motoristas, porteiros e atendentes/prestadores de serviço de todos os tipos, e até crianças, são muito ciosos em solicitar alguma remuneração pelas suas atenções.

A influência do exército na sociedade é grande, eis que quase todos os presidentes, desde a queda da monarquia, em 1952, com a deposição do Rei Faruk, eram militares, como Naguib, Nasser,

Sadat, Mubarak e o atual El-Sissi, que vimos aparecendo sorridente na TV, beijando as crianças e cumprimentando as pessoas.

A herança dos faraós é muito bem apresentada em museus e monumentos. O Museu Egípcio, sediado no centro, é bastante amplo e está sendo transferido para local próximo às pirâmides. Os egípcios se ressentem das suas antiguidades espoliadas ao longo dos séculos, e pelas negativas dos países responsáveis em devolvê-las. Visitamos várias dessas atrações, como Abu Simbel, as Pirâmides, Luxor, e diversas outras, sempre sob calor escaldante e sol tórrido, acordando cedo e dormindo tarde, de modo que houve poucos momentos de descanso na semana que passamos no Egito. A quantidade de monumentos e atrações turísticas é realmente enorme.

Nos três dias de cruzeiro pelo Nilo, pudemos visitar diversos sítios dos tempos faraônicos. Os navios são muitos, ancorados às dezenas em pequenos atracadouros ao longo do Rio, não são muito grandes, mas confortáveis. Há restrições de calado, bem como de altura devido às muitas pontes. O trecho navegado foi de 600km, entre Aswan e Luxor, tendo havido uma travessia de eclusa. No trajeto Cairo-Aswan e no retorno Luxor-Cairo, viajamos pela EgyptAir, companhia estatal. Nosso navio era de primeira categoria, verdadeira miniatura dos navios de cruzeiros marítimos tradicionais, tinha tudo, deck superior para tomar sol, piscina, lojinha, wi-fi, shows, restaurantes, apenas em pequena escala, 60 camarotes distribuídos em três andares. O Nilo é um rio limpo, às vezes pode-se ver até os peixinhos nas águas transparentes. Fizemos um passeio de barco a motor para um povoado núbio, onde observamos ricas fauna e flora, um ambiente natural de ecoturismo. Lá pelas tantas apareceu um redemoinho que arrastou a pequena embarcação em direção às pedras, exigindo muito do motor de popa, mas tudo acabou bem. O Nilo não tem mais crocodilos, exceto na represa de Aswan.

Um dia no Cairo dedicamos à fortaleza do Sultão Salah-e-Din. onde se situa o magnífico Museu Militar. Duas enormes estátuas em bronze de Nasser e Sadat enfeitam a esplanada fronteira. Eles olham para um horizonte distante, a expressão serena, Nasser de terno e Sadat fardado, empunhando o bastão de Marechal. Ambos pagaram com a vida pelas suas ações. Nasser foi vitimado prematuramente pela doença, já Sadat tombou assassinado. Mas a Guerra do Yom Kippur havia dado novo alento ao Egito, e a paz foi possível com a devolução do Sinai.

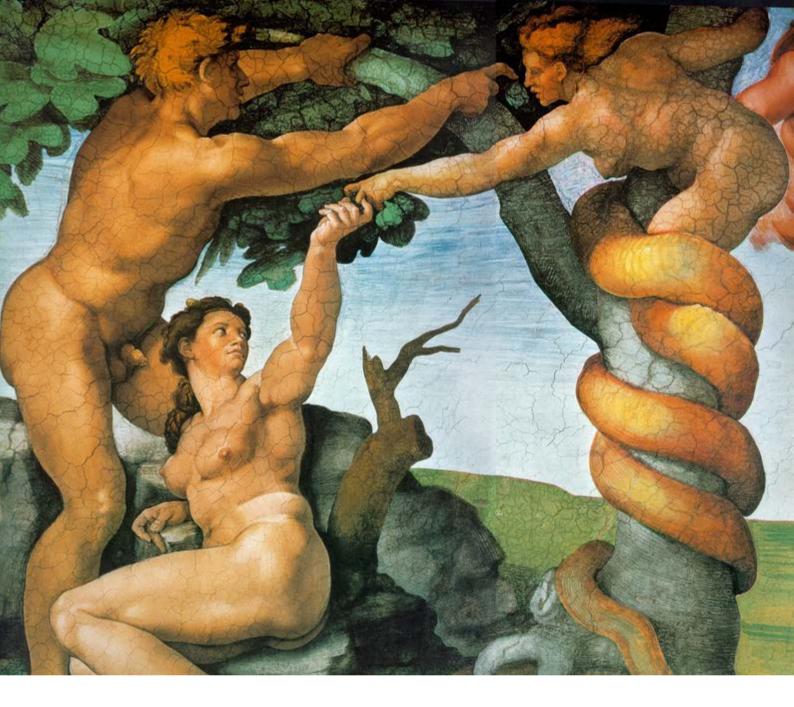
Subimos no alto da Torre do Cairo, construída por Nasser, de onde se veem as pirâmides ao longe, e a cidade imensa palpitando embaixo, ao longo do Nilo. Visitamos Alexandria e sua imponente e moderníssima biblioteca. Surpresa: um quadro oferecido pela

Embaixada do Brasil, o Imperador D. Pedro II e sua comitiva posando em frente às pirâmides.

A estrada Cairo-Alexandria é novíssima, um primor de engenharia com várias pistas. Atravessando o deserto, em suas margens, há plantações e diversos empreendimentos industriais, além de condomínios residenciais de alto luxo. Encerramos a visita com um almoço à base de frutos do mar.

Partimos do Egito felizes pela acolhida, quem sabe, um dia voltaremos.





### A GRANDE ARMA DA DEMOCRACIA É A PALAVRA PARA MOSTRAR O QUE É FATO E O QUE É NARRATIVA

Ives Gandra da Silva Martins

Jurista

igm@gandramartins.adv.br

oje escreverei sobre teoria de poder e aquilo que entendo esteja ocorrendo no Brasil, mas com visão, embora de professor universitário, mais de historiador do que de jurista ou de filósofo. Escreverei sobre o que parece fundamental, de como a história vê a realidade dos fatos.

Para o historiador, interessam os fatos, não as narrativas de quem está no poder. Porque quem está no poder busca sempre. com suas narrativas, justificar o que está fazendo.

O historiador vê os fatos que são as consequências daquilo que está no poder ou está provocando ou está vendo.

É um fato que o Presidente Lula declarou no Foro de São Paulo que ele se orgulhava de ser comunista.

Quem conhece Marx sabe perfeitamente que Marx queria eliminar por completo todos os opositores para impor o que ele chamava de ditadura do proletariado, inclusive justificando meios violentos para afastar aqueles que pensassem de forma diferente.

Também é fato que o Presidente da República declarou que ele se sentia orgulhoso de ter colocado um ministro comunista no Supremo Tribunal Federal.

É algo que, efetivamente, para o Poder Judiciário, cuja função é interpretar o direito sem se imiscuir na política, é um fato preocupante. Como também é fato que o Ministro Dino no Supremo, segundo o Presidente Lula, exercerá função política. O Supremo, tendo um político, evidentemente poderá ver os fatos diferentemente daqueles que lá estão, apesar de hoje muito mais voltados ao Executivo do que estavam no passado, não terem essa sensibilidade, por serem especialistas no direito.

É um fato que o Presidente Lula recebeu Maduro, ditador da Venezuela, com tapete vermelho. E que ele tem relações de grande amizade com Ortega, com os ditadores de Cuba, com Putin, ditador da Rússia, e com o Xi Jinping, ditador da China. É fato também que, por ser praticamente antiocidental, hoje está contra Israel e a favor do Hamas. Estou falando de fatos. Aquilo que, enfim, são fatos encontrados na realidade brasileira. Chegou até a dizer que os Estados Unidos orientaram, por seu departamento de Justiça, a Operação Lava Jato contra a Petrobras.

O Supremo Tribunal Federal do Brasil, apesar de constituído de grandes ministros, passou a ter, desde o ano passado, uma certa condução política. Isso declarado pelos próprios ministros. Um dos ministros do Supremo declarou que eles derrotaram o bolsonarismo. Uma diferença de apenas 2 milhões de votos entre 60 e 58 milhões. Mas não é função do Supremo derrotar o bolsonarismo. Um outro ministro declarou que eles garantiram a eleição do Lula.

Também é verdade que os veículos favoráveis ao Presidente Bolsonaro, nos últimos 15 dias que antecederam as eleições, foram desmonetizados e proibidos de veicular matéria contra o Presidente Lula ou o candidato Lula.

Um dos aspectos que impressionam nas ditaduras da Venezuela, de Cuba, da Nicarágua, da Rússia e da China é que o Poder Judiciário é submisso ao Poder Executivo.

E hoje nós vemos um Poder Judiciário que vai a solenidades com Presidente da República e está em permanente apoio ao que o Presidente da República diz. No próprio discurso, durante as "comemorações" do dia 8 de janeiro, o Ministro Alexandre Moraes e o Presidente Lula, num discurso fora do contexto, criticado até pelos editorais dos grandes jornais, como a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo, declararam que eram os grandes defensores da democracia e queriam o controle das redes sociais. É um fato que todos ouviram.

É um fato também que o que ocorreu no dia 8 de janeiro foi algo que todos sabiam que não poderia ser um golpe de Estado.

O fato é que as Forças Armadas, eu dizia isso desde agosto do ano passado, como professor da Escola de Comando de Estado Maior do Exército, onde ministrei aulas de direito constitucional até 2022 para aqueles coronéis que, dentre eles, no fim do ano seriam escolhidos, os generais de brigada daquele ano, que as Forças Armadas nunca embarcariam na iniciativa de dar um golpe de Estado. Isso já ficara demonstrado desde quando era presidente e chefe das Forças Armadas, o presidente Bolsonaro. Naquele período não houve a menor tentativa de golpe, porque as Forças Armadas jamais o dariam.

À evidência, com muito mais razão não haveria golpe a partir do momento que o Presidente Lula passou a ser chefe das Forças Armadas!

Ora, um grupo desarmado, de pessoas sem nenhum passado, sem ficha policial e, ao mesmo tempo, pessoas que, de rigor, tinham, segundo os jornais, um deles, uma faca, não poderiam em nenhum lugar do mundo e nem no Brasil dar um golpe de Estado. Basta lembrar que um pequeno contingente de soldados, sem ter dado um tiro, conseguiu desocupar os prédios públicos e prender mil e setecentas pessoas, em alguns minutos apenas.

Não houve golpe de Estado, porque não era possível um golpe sem armas, sem Forças Armadas, que estavam do lado do governo cujo chefe era o presidente da república, por isso não houve também atentado violento ao Estado de Direito. O Estado de Direito depende dessa segurança para ser mantido. Ele estava inteiramente com o presidente.

Também é um fato que, hoje, o conceito de democracia é um conceito que não é dado pelo povo, mas é definido por ministros do Supremo Tribunal Federal, que falam o que é democracia e a defendem.

Também, outro fato, há limitações na liberdade de expressão no país e há também presos políticos, porque esses presos, do dia 8 de janeiro, são presos políticos. Pessoas que sem nenhum passado criminal, sem nenhuma arma, incapazes de dar um golpe de Estado, foram condenadas a 17 anos por terem expressado e destruído alguns prédios públicos, como o pessoal do MST e o pessoal do PT fizeram na Câmara dos Deputados, no governo de Michel Temer, sem terem sido condenados por atos golpistas. Ou como se tentou fazer, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, por ocasião da votação da privatização da Sabesp, um grupo também de esquerda, soltos em 24 horas.

Isso levou o V-Dem Instituto da Universidade de Gotemburgo. na Suécia, que eu cito sempre, a declarar que o Brasil é uma democracia relativa, que aqui há presos políticos e aqui no Brasil nós não temos liberdade de expressão.

Esses fatos são o que os historiadores verão no futuro e que nós estamos vivendo na atualidade.

E é por essa razão que eu gostaria de lembrar um outro fato que me preocupa, e esse mais do que outros.

A reforma tributária terminou com a Federação, pois o que caracteriza uma Federação é sua autonomia política, administrativa e, principalmente, financeira.

O direito de definir aqueles tributos que são da sua competência dentro do âmbito da propriedade federativa.

Para os municípios, o grande imposto era o ISS, para os estados, o ICMS. Agora haverá apenas autonomia política e administrativa. Não haverá mais autonomia financeira. Todo o IBS, que é dos estados e municípios, será definido em lei pela União, que terá de seguir o regime jurídico do CBS.

E quem vai receber, distribuir, controlar, devolver aquilo que for necessário é um conselho instalado em Brasília, com 27 representantes dos municípios, 27 representantes dos estados, mas subordinados a uma legislação definida pelo Congresso Nacional.

O que vale dizer, em outras palavras, aquele poder que as Assembleias Legislativas tinham de definir o regime jurídico, não existirá mais.

Isso será definido na forma de execução das leis aprovadas no Congresso Nacional por um conselho em que cada estado vai ter um delegado, que não se sabe qual será, e 5.569 municípios terão 27 delegados. Vale dizer, perderão a possibilidade de decidir em casa e serão subordinados a um conselho.

Em um regime que vai devolver tributos e em um regime que vai compensar, inclusive, estados e municípios que perdem, mas de acordo com critérios que vão ser estabelecidos e que, evidentemente, levarão os estados e os municípios que vão perder receita a estarem com um pires na mão durante o governo. É um projeto de poder.

A própria competência das entidades federativas de definirem as alíquotas no regime jurídico imposto pela União é relativa, pela impossibilidade de se alterar o regime. Em outras palavras, dificilmente o farão.

Com a concentração da autonomia financeira das diversas entidades federativas na União, Brasília passa a ser não só a capital do país, mas, de rigor, o lugar onde se definirá toda a história de todas as entidades federativas.

Portanto, um projeto de poder na definição da democracia, um Poder Judiciário vinculado ao Poder Executivo nas decisões, nas suas declarações dos ministros e um Congresso Nacional que, em última análise, o governo, por enquanto, está sendo obrigado a conceder emendas para a destinação de verbas para determinados locais, para determinadas áreas de influência de alguns políticos, a fim de, com isso, ir também aprovando seus projetos no Congresso.

Há, portanto, um projeto de poder, de considerar todos os que pensam de forma diferente, para, enfim, desvirtuar o pensamento conservador, pois quem pensa diferente passa a ser bolsonarista. Sem se perceber, e tem consciência que se percebe, que uma parte daqueles que votaram em Bolsonaro não eram bolsonaristas. Votaram em Bolsonaro porque não queriam Lula. De rigor, dos 150 milhões de eleitores, Lula só teve 60 milhões de votos. Vale dizer, 90 milhões de brasileiros não queriam o presidente Lula no poder.

Então, dentro dessa linha, evidentemente, há um projeto de poder. Um projeto de concentração de poder. Um projeto de tentar desfigurar a oposição, os conservadores, fazendo com que esses pensadores recebam sempre o cunho de bolsonaristas, sabendo que, assim fazendo, a imprensa se coloca contra, porque, no período do ex-presidente Bolsonaro, ele foi inábil no contato com a imprensa, além de reduzir os anúncios oficiais.

A imprensa se colocou, durante os quatro anos, contra Bolsonaro e continua criticando-o pela forma como foi tratada pelo governo, principalmente em nível de receitas, que é o que não acontece no governo atual – que voltou a colocar os anúncios que a imprensa precisa, o que se compreende perfeitamente, porque, realmente, a imprensa tradicional depende dos anúncios para manter as equipes, que não são baratas.

E a grande parte de conservadores não querem o marxismo, já que o presidente Lula se disse comunista e colocou um ministro comunista no Supremo.

Mas, a essa altura, como todos os conservadores para a esquerda são considerados bolsonaristas, cria-se a ideia de que quem é bolsonarista não pode pensar em democracia e os da esquerda são os únicos que sabem bem o que é a democracia, que é o caminho de pensamento único e socialista.

É dentro desse quadro, parece-me, que nós estamos, em um processo de tornar o Brasil de rigor, como dizia Gramsci: "uma das formas da esquerda de conquistar o poder é utilizar todos os caminhos da democracia" e implantar a ditadura. Nós estamos a caminho, no Brasil, das trilhas gramscianas, daquele filósofo e cientista político que percebeu que, em muitos países, a ditadura de esquerda era conseguida por meio de processos ditos democráticos.

Creio que a única forma que os conservadores têm de combater, em uma democracia, esse quadro é utilizar o que eu mesmo, como conselheiro da OAB, de 1979 a 1984, usei, ou seja, a palavra. Se mais pessoas tiverem a coragem de dizer o que está acontecendo e não tiverem receio de ser perseguidas por pensarem de forma diferente do governo e continuarmos a defender que a democracia se faz com o diálogo amplo, respeitoso, mas permanente entre as teses de situação e oposição, se nós não fizermos isso, nós correremos a passos largos para uma ditadura.

Como um velho professor de direito, acostumado a escrever sobre direito, economia, ciência política, filosofia, história e literatura, no mês que vem fazendo 89 anos, venho aos meus leitores fazer esse apelo: que tenhamos coragem de utilizar a grande arma da democracia, que é a palavra, a fim de mostrar quais são os fatos e não as narrativas que hoje estão dominando o país.

## **ANÁLISE DE 2023** E PERSPECTIVAS PARA 2024

Ives Gandra da Silva Martins

.lurieta igm@gandramartins.adv.br

co, mas ficou longe de ser um sucesso. A agropecuária salvou o governo Lula de um resultado negativo. Tendo crescido em relação a 2022, no período da safra e no começo do ano, atingiu números expressivos que compensaram a acentuada queda do PIB nos 2º e 3º trimestres, permitindo uma evolução na ordem de aproximadamente 3%.

ano de 2023 para o Brasil não foi um desastre econômi-

O déficit orçamentário previsto de muito mais de 100 bilhões de reais derrubou o bom resultado do último ano do governo anterior, em um superávit acima dos 50 bilhões de reais.

A reforma tributária, aprovada em nível de Lei Suprema, sem conhecimento dos projetos de legislação infraconstitucional, assim como os impactos em cada unidade federativa e em cada segmento empresarial, continua sendo aplaudida pelos desconhecedores do sistema tributário e gerando perplexidade e dúvidas naqueles que o entendem.

A convivência de dois sistemas (o antigo, dito como caótico, e o novo, de 2026 a 2033), no mínimo trará para todas as empresas do Brasil um complicador, ou seja, continuar com o velho sistema por 8 anos, se não houver prorrogação, e acrescentar o novo desconhecido. Este terá de ser estudado com cuidado nos termos da Carta Magna e da legislação decorrente, lembrando-se de que o texto que se pretende simplificador na sua origem, é três vezes mais extenso do que o atualmente previsto na CF/88.

Enfim, quando se conhecerem as alíquotas e os impactos na Federação e na empresa nacional, durante as propostas legislativas, a indústria não protestará, pois foi a grande incentivadora e beneficiária do projeto, mas os setores de serviço, comércio e agropecuária, que terão um peso, em alguns segmentos, muito superior à atual carga tributária, certamente criarão seus lobbies no Congresso para gerar novas exceções.

O certo, porém, é que o Brasil ostentará a maior alíquota de imposto sobre o valor agregado (IVA) do mundo.

Na política, o Executivo - cuja eleição foi assegurada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), no dizer de um dos Ministros, pois auxiliou a vencer o outro candidato, segundo outro Ministro -, mantém ótimas relações com a Suprema Corte, e difíceis com o Congresso Nacional.

O Supremo Tribunal Federal, que se auto-outorgou o direito de legislar em algumas matérias, como aborto, drogas, marco temporal das terras indígenas etc., transformou-se não só no poder técnico (de julgar), mas também no poder político, ao ponto de sugerir nomes para a própria Suprema Corte ao Presidente da República, com sua aceitação.

Essa transformação de uma Casa de interpretação das leis em uma Casa Legislativa gerou tensões e reação, principalmente do Senado, que é a única Corte capaz de punir Ministros do STF, com projetos de emenda constitucional, dos quais um já fora aprovado na casa dos Estados (PEC nº 8/2021), desagradando os magistrados do Pretório Excelso.

Entendem os senadores, assim como eu, que o art. 49, inciso XI obriga – é um "poder-dever" –, o Parlamento a defender sua competência normativa perante a invasão de outros Poderes. Está assim redigido:

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional: (...) XI – zelar pela preservação de sua competência legislativa em face da atribuição normativa dos outros Poderes; (...)

Por fim, por ser o Congresso um poder de maioria conservadora e o Executivo um governo de esquerda, todos os projetos de lei por este propostos exigirão muito trabalho para serem aprovados, e a concessão de recursos orçamentários para bases eleitorais dos parlamentares que possam votar a seu favor gerará um acréscimo orçamentário, sendo, pois, o custo político desfigurativo das contas públicas.

À falta de segurança orçamentária para combater a inflação, a política monetária do Banco Central é o único caminho que resta para enfrentá-la.

Nada obstante tais problemas a serem enfrentados no ano de 2024, certamente com PIB menor do que em 2023, sou otimista por acreditar mais na sociedade do que nos governos - que sempre são maus empregadores para o empreendedorismo e para o desenvolvimento nacional -, pois sei que a iniciativa privada brasileira se reinventará.

Para o Brasil, sempre confiei na teoria do besouro, que os físicos declaravam não poder voar pelo peso do corpo e o tamanho das asas, mas, apesar dos prognósticos contrários, sempre voou. Assim são os empreendedores brasileiros, quando a doutrina econômica mostra que não podem crescer, crescem, pois têm a sabedoria da reinvenção.

Desejo a todos os leitores da Revista Aeronáutica um esplendoroso 2024.

## A FAMÍLIA AERONÁUTICA



Da esquerda para a direita: Alexandre (neto), Luiz Alberto (filho), Ana Luisa (filha), Brig Boher e sua esposa Gilka, Fernando Antonio (filho), Ana Cristina (filha) e Larissa (neta).

Natural do Rio Grande do Sul, o Brig Ar Clovis de Athayde Bohrer ingressou na FAB em 1941, tendo sido declarado Aspirante a Oficial em 1945. Sua turma foi a primeira genuína da EAer, que fez o curso do 1° ao 3° ano (1943 a 1945).

Piloto de bombardeio, foi servir na BAGL, onde voou os modernos B-25. Após participar do translado dos EUA para o Brasil, dos aviões B-25, regressou a Porto Alegre, sua cidade natal e casou-se, já Tenente, com a gaúcha, Gilka de Athayde Bohrer, em 1948.

Logo após o casamento, foi transferido para BASV, onde nasceu o primeiro filho, Fernando Antônio, em 1949.

Em 1949, foi transferido para a Quinta Zona Aérea, em Porto Alegre, onde, em 1950, nasceu o segundo filho, Luiz Alberto.

Em 1958, transferido para o Rio de Janeiro, para fazer o Curso de Comando e EM, nasceu a primeira filha, Ana Luisa. Em 1964, ainda no Rio de Janeiro, nasceu a segunda filha, Ana Cristina. Ambas no antigo Hospital de Aeronáutica do Galeão.

Ana Luisa lhe deu dois netos, Alexandre e Larissa. Alexandre, lhe deu seu primeiro bisneto, Guilherme, e no final de março deste ano lhe dará, outro, Eduardo. Larissa, a segunda neta, lhe deu Gabriel como bisneto.

O Brig Bohrer ficou viúvo de sua amada Gilka há cerca de 10 anos. Um amor que rendeu uma linda família.

Nascido em 1924, completará no próximo dia 12 de junho, 100 anos de idade. A *Revista Aeronáutica* aproveita a oportunidade para lhe prestar todas as merecidas homenagens.



Larissa (neta), Ricardo (marido da Larissa), Cristiane (esposa do Alexandre) e Alexandre (neto), Brig Athayde e seus bisnetos Guilherme e Gabriel.



